

em

A REVISTA DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DA BAHIA

CHEQUE



SINDICATO
DOS BANCÁRIOS
DA BAHIA

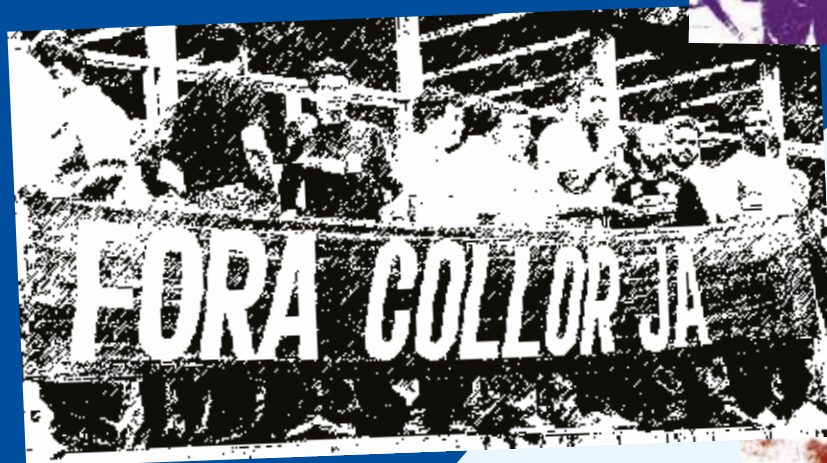
ANO XVI – Nº 14
JANEIRO 2013

80 ANOS

O Sindicato dos Bancários da Bahia completa este ano, oito décadas de uma importante trajetória social e econômica, marcada por rompimentos e renovação política, mas sempre compromissada com a luta pelos direitos dos trabalhadores. E os desafios continuam...

E MAIS: CULTURA • SAÚDE • SEGURANÇA • IMPRENSA • MEMÓRIAS • JURÍDICO • APOSENTADORIA

Temos nosso p



**SINDICATO
DOS BANCÁRIOS
DA BAHIA**

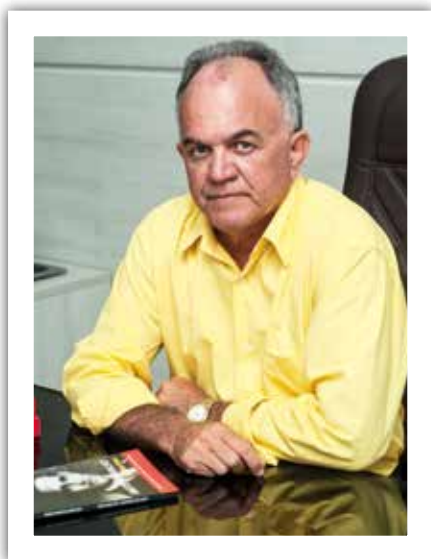
Filiado à



próprio tempo!



Centro de Memória Bancária
Raymundo Reis



80 anos do Sindicato

No dia 4 de fevereiro de 1933, era fundado o Sindicato dos Bancários da Bahia, no contexto de um importante momento na política nacional, quando o Brasil já experimentava uma nova fase de desenvolvimento, acabara de romper com a política do “café com leite”. Era uma segunda fase da industrialização no País, a modernização era necessária, e a revolução de 30 foi um marco para esse processo.

Nesse período foram criados também, os principais sindicatos de bancários no País. Surgiram as primeiras lutas unificadas da categoria, permitindo grandes conquistas. A greve nacional da classe, no ano de 1934, garantiu a conquista do IAPB – Instituto dos Aposentados e Pensionistas dos Bancários e a estabilidade no emprego.

A essas vitórias seguiram outras igualmente importantes, como a Lei das Seis Horas, conquistada a partir de uma greve dos bancários do Banespa, em Santos (1932), em função da dis-

pensa de dez empregados e do corte de 5% do salário de funcionários com cinco anos de trabalho. Em novembro de 1933, o governo assina um decreto estabelecendo a jornada de seis horas, porém, de forma limitada.

Ainda na década de 30, uma luta nacional pelo salário mínimo profissional foi muito importante para toda a categoria. Os bancários da Bahia foram os principais protagonistas dessa história, e a direção do Sindicato chegou a elaborar um projeto sobre o salário mínimo profissional. Essa luta era incorporada pelos 18 sindicatos da categoria no País, envolvendo aproximadamente 30 mil bancários. O Sindicato da Bahia ficou isolado e o Banco do Brasil demitiu o presidente, Mutti de Carvalho e o secretário geral Jurandir Oliveira.

Na década de 40, 50 e 60, o nosso sindicato esteve no processo de organização da categoria no estado e no Brasil. Participou da segunda greve nacional da categoria em 1946; apoiou as lutas pelas reformas de base no governo João Goulart; contribuiu para a fundação dos sindicatos de bancários no interior do Estado da Bahia, no início dos anos 60; um dos fundadores da Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe em 1968.

Apesar das juntas interventoras na entidade, que resultaram em perseguição a vários dirigentes e perda da data

base dos bancários, a luta da categoria continuou firme. Na década de 70 tivemos as lutas gerais pela anistia e redemocratização do País, por exemplo. Em 1981, uma nova diretoria traz para o movimento um sindicalismo mais autêntico e forte, tornando a luta dos trabalhadores mais viva.

Com essa trajetória vitoriosa, ao completar 80 anos, esse jovem Sindicato rende homenagens a **JOSÉ MUTTI DE CARVALHO**, não só por ser o principal fundador da entidade, mas pelo exemplo de lutas dedicadas à categoria.

Foi pensando nesse contexto que produzimos essa edição especial de 80 anos da revista Em Cheque. Vamos abordar com maiores detalhes os momentos marcantes da história do Sindicato dos Bancários da Bahia, desde a fundação até os dias de hoje. Assuntos importantes do cotidiano do bancário como doenças ocupacionais, assédio moral, falta de segurança nas agências, isonomia, valorização da mulher bancária, questões jurídicas e lutas em defesa da categoria.

Boa leitura!

Euclides Fagundes

Presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia



Foto: Divulgação

06



Foto: Manoel Porto

38



Foto: Banco de Imagens

26



Foto: Diósdete Ferreira

30

pág. 06

Especial 80 anos

Conheça a história do Sindicato dos Bancários – do nascimento aos dias de hoje.

pág. 14

Perfil

A história de liderança do fundador e patrono do Sindicato dos Bancários da Bahia.

pág. 16

Depoimentos

As opiniões sobre a atuação de um dos Sindicatos mais importantes do Brasil.

pág. 20

Tecnologia

Saiba mais sobre os dilemas que a tecnologia imprime ao trabalho do bancário.

pág. 22

Segurança

Os números assustadores da violência nas agências bancárias só aumentam.

pág. 26

Saúde

Assédio Moral, LER, DORT. Conheça alguns dos problemas cada vez mais comuns nos bancos.

pág. 30

Campanha Salarial

A trajetória das lutas por mudanças e melhorias, através das greves e reivindicações.

pág. 34

Imprensa Sindical

O papel de um dos departamentos mais importantes do Sindicato.

pág. 38

Mulher Bancária

A luta histórica das mulheres pela igualdade dentro dos bancos. Conheça o departamento criado para proteger esse segmento.

pág. 42

Centro de Memórias

Registros de fotos e documentos importantes que marcaram a história do Sindicato dos Bancários da Bahia.

pág. 46

Departamento Jurídico

Conheça o trabalho do departamento que oferece assistência gratuita na defesa dos interesses dos bancários.

E mais:

pág. 50 Aposentadoria

pág. 52 Esporte e Cultura

pág. 56 Interiorização

pág. 58 Isonomia

especial
80 anos

80 ANOS BANCÁRIOS 1933-2013

Uma viagem no tempo

Da sua fundação, na década de 30, até os dias de hoje, a atuação do Sindicato dos Bancários da Bahia está diretamente ligada a muitos momentos importantes da história do Brasil

por Rodrigo Marques • fotos divulgação / acervo Sindicato do Bancários da Bahia

O movimento sindical brasileiro é responsável por importantes conquistas por parte dos trabalhadores desde o século passado, quando o Brasil começou a se industrializar, principalmente durante o governo de Getúlio Vargas, a partir de 1930. Esse ciclo de industrialização da década de 30 trouxe novas necessidades para a classe operária e para o movimento sindical.

Até esse período, o movimento sindical era independente. No entanto, a partir de 1931, com a Lei da Sindicalização (decreto nº 19.770), houve um movimento muito grande pela fundação de sindicatos, os quais tinham certo controle pelo Estado. “Os comunistas e anarquistas haviam resistido ao decreto de sindicalização e à cassação à liberdade sindical. Resistiram de 1931 a 1934. Apesar das leis salariais, as greves continuavam. Na comemoração do 1º de Maio de 1931, os sindicatos livres tentaram desenvolver

suas atividades e foram impedidos pela polícia, que dissolveu manifestações em várias cidades do país”, afirma Euclides Fagundes Neves, atual presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia.

A partir desse momento, os comunistas decidiram atuar dentro dos próprios sindicatos reconhecidos pelo governo. Embora houvesse essa tentativa de controle do Estado, os trabalhadores conseguiram obter vantagens importantes. Foi exatamente nesse período que o movimento sindical cresceu e se fortaleceu, devido à fundação de sindicatos importantes.

O Sindicato dos Bancários da Bahia é fundado exatamente neste contexto, no dia 4 de fevereiro de 1933, em uma reunião realizada na Associação dos Empregados do Comércio, situada na Rua Chile. São 80 anos de uma história que ainda está em construção. Vamos embarcar em uma viagem no tempo sobre importantes lutas e vitórias em favor dos bancários baianos e brasileiros.

O movimento sindical brasileiro é responsável por importantes conquistas por parte dos trabalhadores desde o século passado, quando o Brasil começou a se industrializar



Ao lado, Comissão do Sindicato vai ao jornal A Tarde, no dia 9 de julho de 1934, agradecer apoio à greve dos bancários que acontecia naquele ano

Década de 30: A Fundação e as primeiras vitórias

Esse período significa um marco importante para o movimento sindical brasileiro como um todo, devido ao fortalecimento e às conquistas obtidas. No final de novembro de 1933, ano de fundação do Sindicato dos Bancários da Bahia, ocorreu o início da campanha que visava a implantação do Instituto dos Bancários e a estabilidade no emprego. Nesse mesmo ano, os bancários foram beneficiados com a **“Lei das Seis Horas”**. No ano seguinte, em 1934, a categoria decretou greve nacional. José Mutti de Carvalho, fundador e primeiro presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia, teve uma presença marcante nas negociações com Getúlio Vargas, então chefe do governo provisório.

A greve de 1934 resultou na criação do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB), além da fixação de dois anos como tempo para a estabilidade. Em 1935, diante da vitória do ano anterior, os bancários estavam organizando uma greve reivindicando o Salário Mínimo Profissional. O que aconteceu foi que apenas a



Diretoria - 1934

Bahia entrou em greve, e em função disso, o presidente Mutti de Carvalho e o secretário-geral Jurandyr Vellozo Dias dos Santos, ambos funcionários do Banco do Brasil e militantes do Partido Comunista do Brasil, foram demitidos. “Houve uma luta pela reintegração deles, em um período de ações fascistas, entre os anos de 1935 e 1936. Jurandyr foi reintegrado, em uma cidade do interior do Ceará. Mutti não aceitou ir para o Ceará e acabou indo, através de interferências políticas, para a cidade de Jequié, que era um reduto do integralismo, em uma agência na qual o gerente era integralista. Ele não se submeteu a todas essas perseguições. Viveu um período na clandestinidade, na região de Itiúba, e depois veio pra Salvador e acabou se suicidando no dia 1º de maio, no largo 2 de julho”, relata Euclides Fagundes.

Década de 40: Ditadura e direito de greve garantido



Foto: Manoel Porto

Direito de greve garantido

Em 1939, durante a ditadura do Estado Novo, implantada por Getúlio Vargas, foi lançada a Lei do Enquadramento Sindical, que eliminou o pluralismo sindical, cancelando o registro de todos os sindicatos oficializados. Dessa forma, o governo passou a investir de forma incessante no processo de neutralização do movimento sindical. “Em 1943, foi criada a **Consolidação das Leis do Trabalho**, que pôs fim à estabilidade adquirida aos dois anos de trabalho com o mesmo empregador, assegurada junto com a

criação do IAPB, em 1934, mudando de dois, para dez anos”, relata Euclides Fagundes.

O sindicato vivia uma fase voltada para o assistencialismo, tendo como presidente Aristóteles Ferreira. Em 1946, a campanha salarial dos bancários reviveu as memoráveis lutas de 1934 e 1935. A greve gerou manifestações de apoio e solidariedade de diversas categorias e contou com ampla cobertura da imprensa em nível nacional. O deputado comunista baiano, Carlos Marighela, durante a Assembléia Nacional Constituinte, foi a primeira voz a defender para os trabalhadores um direito que, para ele, “ninguém roubará do proletariado, o direito da greve”. E essa foi uma importante conquista desse movimento, pois o direito de greve foi assegurado na Constituição de 1946. Além da vitória salarial, a greve também trouxe a promessa do governo em examinar o Salário Mínimo Profissional.

Década de 50: Fortalecimento do movimento

A luta da classe continuou a ser evitada, através do controle dos sindicatos pelo Ministério do Trabalho. O Sindicato dos Bancários da Bahia já havia superado a fase mais crítica, com o sindicalismo voltado para o assistencialismo, que começou com Aristóteles Ferreira e se prolongou nas gestões de **Vicente Batalha**. Nesse momento, no começo da década de 50, a direção não conduzia de forma coerente a luta sindical que renascia em todo o País.

Em 1955, a chapa de oposição encabeçada por Eurico Brandão venceu e tomou posse. “A partir daí, começa a mudar novamente o perfil da luta sindical. Em 1956, ano em que se realizou o VI Congresso Nacional dos Bancários, em Porto Alegre, foi definida a reorganização da Comissão Executiva Nacional dos Bancários, algo que fez o movimento nacional ganhar novo impulso”, destaca Euclides Fagundes.

O Sindicato dos Bancários da Bahia levou dez teses para o congresso, como a assistência médica e hospitalar pelo IAPB. Nesse evento foi definida a criação da Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de



1953 – No dia 24 de novembro, o então presidente do Sindicato, Vicente Batalha, discursa ao lado do deputado federal Abelardo Andréa, João Alves Almeida e do Dr. Alyrio de Almeida

Crédito (Contec), que concretizou a sua fundação no dia 28 de julho de 1958, no congresso seguinte, em Belo Horizonte. No mesmo ano foi instituída a data de 28 de agosto como o **Dia do Bancário**, em razão de uma greve que durou 51 dias no início da década de 50, contra as manipulações da inflação por parte do governo.

Em 1955, a chapa de oposição encabeçada por Eurico Brandão venceu e tomou posse. “A partir daí, começa a mudar novamente o perfil da luta sindical dos bancários”

Euclides Fagundes - presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia

Ao lado, assembléia da campanha salarial dos bancários, na Associação dos Empregados do Comércio

Abaixo, Comissão do Sindicato na recepção ao baiano Nelson Carneiro, autor do projeto do horário unificado de funcionamento dos bancos, transformado na Lei 1.540, em 1953



Década de 60: As lutas e o Golpe Militar

A partir de abril de 1961, os bancários desenvolveram uma campanha em caráter nacional, onde se discutia salário profissional, reajuste salarial, contrato coletivo de trabalho, manutenção da jornada corrida de seis horas e abolição do expediente aos sábados. Esses temas, dentre outros, também fizeram pauta da 1ª Convenção Estadual dos Bancários Baianos, realizada em maio desse mesmo ano.

Neste momento histórico, a luta dos bancários ia muito além das questões econômicas. Houve uma união muito grande para que João Goulart assumisse o poder depois da renúncia de Jânio Quadros e posteriormente para que ele recuperasse os poderes presidenciais, diante da im-

plantação do parlamentarismo. Existiu importantes movimentos, greves e movimentações dos bancários. Durante o governo de João Goulart, os bancários conquistaram muitas vitórias importantes como o repouso aos sábados, o Salário Mínimo Profissional, que é o piso da categoria, além da ampliação do direito à jornada de 6 horas.

Nesse momento, o movimento sindical bancário no Brasil estava organizado nacionalmente através da Contec, a qual tinha a orientação de fundar sindicatos por todo País, a fim de que fossem implantadas federações, como no caso da Federação Bahia e Sergipe, que ocorreu em 1968. O movimento sindical estava se expandido e se estruturando nacionalmente. Entre 1962 e 1963, aconteceu a fundação de vários sindicatos pelo interior da Bahia, em cidades como Ilhéus, Feira de Santana, Itabuna, Vitória da Conquista.

Em 1964 acontece o Golpe Militar. Nesse momento o sindicato sofreu intervenção e o presidente Raimundo Reis foi cassado e preso. As principais lideranças sindicais também foram presas. Esses acontecimentos acabaram prejudicando o processo das lutas sindicais.

Nesse período, por causa dos interventores – que não entraram com o dissídio coletivo até a data prevista de

31 de agosto, último ano da vigência do acordo –, os bancários perderam a data-base da categoria, que era 1º de setembro. Com isso, a data que passou a vigorar foi a do julgamento na Justiça, novembro de 1965. No ano seguinte, os interventores também cometeram o mesmo erro, e a data-base passou para 7 de fevereiro.

Com o Golpe Militar, o sindicato passou a fazer o assistencialismo, o que enfraqueceu a luta da classe. O movimento sindical ficava refém da ditadura, oferecendo serviços como médicos, barbeiros, dentistas, entre outros. Os pelegos diziam “amém” aos governos da ditadura e as chapas de oposição eram cassadas.



Manifestação – 1960



Grevistas no BNB em 12 de maio de 1962



1ª Convenção Nacional dos Trabalhadores em 1961



Bancários em greve fazem manifestação subindo a Ladeira da Montanha, em 1962

Década de 70: O início da luta da oposição bancária



1978 – Na década de 70, o Sindicato esteve sob intervenção, comandada pela ditadura. Até as dependências da entidade receberam nomes dos generais de plantão



Assembléia de greve, dia 18 de agosto, também em 1979, no auditório do Clube Comercial. Época de grande participação dos bancários nas mobilizações.



1979 – Anistia

Nessa época os bancários começaram a reagir contra a Ditadura Militar. Os interventores, juntamente com a Delegacia Regional do Trabalho cassaram a Chapa Verde de oposição. Diante da situação houve reações da categoria para retomada do sindicato em 65 e 68, sem sucesso.

Em 1973, a categoria organiza um núcleo de oposição que retoma a Chapa Verde para concorrer ao sindicato dois anos depois, em 1975, sob o comando de Corinto Juazeiro, Jadson Oliveira e outros. A maioria dos dirigentes foi cassada novamente, e proibida de concorrer à eleição. Em 1976, a oposição reorganiza-se novamente com a participação de Edelson, Ismitron, Paulo, Euclides Fagundes, Antonio Carlos, Pedro Barbosa, Lustosa, Vivaldo

Ornelas e Gaiano, entre outros.

“Com algumas questões feitas na clandestinidade, demos início ao Movimento Bancário Participação e Orgazinação. Mesmo contra a direção do sindicato, nós começamos a luta pela volta da data-base. Fizemos grandes campanhas e comemorações em espaços alugados, como o 1º de maio e o Dia dos Bancários, que no ano de 1979, aconteceu no Colégio das Mercês”, explica Euclides Fagundes.

Em 1978, o sindicato teve uma participação decisiva nessa vitória. Em 1979, a data-base foi unificada e voltou definitivamente para setembro. Nesse mesmo período, foi implantado o anuênio, que é um valor adicional pago por ano trabalhado.

Década de 80: A vitória da oposição e o vento da democracia

Em 1978, a chapa de oposição chegou a concorrer, mas não tinha direito à fiscalização das urnas ou colocar mesários. Foi uma eleição viciada, onde a oposição foi manipulada e perdeu. No entanto, em 1981, a chapa de oposição ganhou as eleições. Nesse período já soprava o vento da democracia, com sindicatos bem estruturados e greves importantes, como aconteceu no ABC Paulista, tendo Lula como líder, em 1979. Os bancários de São Paulo e Porto Alegre também já vinham se mobilizando.

Era um momento de efervescência e de crescimento do movimento sindical. A partir do momento em que a oposição ganhou as eleições, a luta reivindicatória foi intensificada, e em 1985, voltou-se a fazer a Greve Nacional dos Bancários, em busca de melhores sa-

lários. Euclides Fagundes relata: “A greve de 85 rompeu com a mordida da ditadura e teve um significado muito grande para o movimento sindical. Mesmo com a repressão que ainda havia, houve uma mobilização e participação em massa dos bancários. A partir desse momento o assistencialismo deu lugar às lutas pelos direitos dos trabalhadores”.

Nesse período histórico, foi preciso pensar na transformação do Brasil, e por isso a categoria bancária teve participação direta em todos os momentos políticos do País, como na luta pela anistia dos exilados e no movimento pelas eleições diretas. O primeiro comício de Lula na Bahia, realizado em 1989, foi organizado pelo sindicato dos Bancários da Bahia, realizado em frente ao restaurante do Banco Econômico, no Comércio.



Em 1984, o Sindicato foi protagonista nas mobilizações que pediam as eleições diretas para Presidente do Brasil. O movimento político conhecido como Diretas Já lutou pela aprovação da emenda do deputado Dante de Oliveira. Foi uma das maiores manifestações populares já ocorridas no País, que chegou a levar mais de um milhão de pessoas às ruas do Rio de Janeiro e São Paulo. A volta das eleições diretas para presidente, após a ditadura, entretanto, só ocorreria em 1989



“A greve de 85 rompeu com a mordaca da ditadura e teve um significado muito grande para o movimento”

Euclides Fagundes - presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia

Década de 90:

A luta contra as privatizações e os avanços sociais e culturais

A luta contra as privatizações foi muito forte na década de 90. Os oito anos de Fernando Henrique Cardoso consistiram em um período muito duro para os trabalhadores como um todo. No caso dos bancários, o governo implementou uma política de enxugamento de bancos públicos para as suas privatizações. O movimento sindical reagiu e quase houve a privatização do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal e do Banco do Nordeste. Essa luta

foi muito intensa.

Na campanhas salariais, os bancários de bancos públicos tiveram apenas 8% de reajuste salarial durante os 8 anos de FHC.

“O governo de FHC significou um período de muitas perdas. Com a eleição de Lula, as greves foram intensificadas e tivemos mais espaço para reivindicar, além da recomposição das perdas salariais, com mais de 16%. O

combate ao Carlismo também foi um ponto muito importante na luta do Sindicato dos Bancários da Bahia na década de 90 e no começo dos anos 2000”, destaca Euclides Fagundes.

A luta cultural é um dos pontos importantes na década de 90. Houve a fundação do espaço cultural Raul seixas, festivais de música e de poesia. O Bloco Pré-Datado, que participou do carnaval soteropolitano, colocou a luta dos bancários em evidência para a imprensa mundial, em uma das manifestações populares mais vistas em todo o mundo.

O sindicato passa a funcionar como se fosse uma central de trabalhadores, dando apoio aos diversos movimentos sindicais e sociais, no Brasil e na Bahia. “A nossa luta não é exclusivista por melhores salários e condições de trabalho, tendo seu caráter ampliado para a luta mais geral do nosso povo. Por isso que o sindicato tem participação em vários movimentos sociais, como no caso da emancipação das mulheres, contra o racismo, etc”.



Acima, em 1991, as assembleias dos bancários lotavam completamente o estacionamento Apolo, na Avenida Sete de Setembro, onde – desde os anos 80 –, a categoria tomava decisões sobre os mais importantes momentos de luta, como as greves

Na foto abaixo em 1992 – O movimento Fora Collor tomou conta do País. Na Bahia, o Sindicato marcou presença na organização e nos movimentos de rua



Cenário atual: Desafios à frente

Atualmente, o Sindicato dos Bancários da Bahia enfrenta três grandes desafios. O primeiro deles é a reivindicação salarial para recompor as perdas passadas e melhorar o piso da categoria, a fim de que os bancários comissionados não fiquem reféns dos bancos nos momentos de campanha salarial.

A questão da segurança é outro desafio. “Temos um problema do agravamento da segurança no Brasil e os bancários, por terem que lidar com dinheiro, ficam mais vulneráveis. Nós vemos diversos tipos de situação, nas quais bancários são sequestrados, mortos ou usados em fugas de bandidos. A profissão bancário começa a tornar-se um risco”, destaca Euclides. Segundo ele, é preciso exigir do governo mais investimento na questão da segurança, mas há também uma negligência por parte dos bancos em proteger os trabalhadores.

Outra questão importante é a saúde. Há alguns anos as metas eram colocadas de outra forma. “O caixa era apenas caixa. O gerente era gerente e no máximo vendia alguns produtos. Havia a figura do vendedor de produtos. Essas metas abusivas colocadas para os bancários é o principal problema que tem levado ao adoecimento do bancário. É um crime continuado no local de trabalho, que acontece todo dia, e que se caracteriza como assédio moral”, destaca o presidente.

Porém, o desafio maior da classe é enfrentar as transformações tecnológicas que, apesar de não diminuir o trabalho humano, reduz significamente o número de funcionários nos bancos. Estudos do Dieese demonstram que o número de postos eletrônicos aumentou 229%, entre os anos de 2000 a 2011, enquanto que os postos tradicionais, que exigem sempre presença do bancário, aumentou 36% nesse mesmo período.

especial
80 anos

Fotos: reprodução

Mutti de Carvalho:

Um protagonista na história

Baluartes das lutas sindicais da Bahia e do Brasil, José Mutti de Carvalho, o fundador e patrono do Sindicato dos Bancários da Bahia, escreveu de forma marcante o seu nome na história

por Rodrigo Marques

A obstinação e o espírito de liderança sempre marcam a vida de quem deseja entrar para a história. Foi exatamente assim com José Mutti de Carvalho, o fundador do Sindicato dos Bancários da Bahia. Nascido na cidade de Santo Amaro da Purificação, em Agosto de 1904, o quinto filho entre outros doze irmãos, se tornou um exemplo de líder e de quem coloca os seus princípios acima da própria vida.

Aos 22 anos, Mutti de Carvalho passou em primeiro lugar no concurso do Banco do Brasil e por muito tempo conciliou as carreiras de bancário e de articulista do jornal Diário de Notícias. Mutti, que também era membro do Partido Comunista do Brasil (PCB) e da Aliança Nacional Libertadora, escreveu o seu nome na história na década de 30, um período marcado pelo ciclo da industrialização capitalista e pelo conturbado governo de Getúlio Vargas. “Comunista, com uma visão mais larga do que a limitada luta economicista e corporativista, Mutti de Carvalho também ajudou na politização da sua classe. Ao conhecer a sua biografia, que não possuía em detalhes, fiquei emocionado com sua coragem e generosidade”, destaca o jornalista Altamiro Borges.

Realizações marcantes

A liderança expressiva de Mutti de Carvalho se consolidou no contexto da efervescência do movimento sindical na década de 30. Em 4 de fevereiro de 1933, em reunião na Associação dos Empregados no Comércio, ele foi um dos fundadores do

Sindicato dos Bancários da Bahia. Até então, os bancários estavam vinculados ao Sindicato dos Comerciantes. “Suas experiências vividas desde o sindicalismo livre e independente, até os primeiros passos no período da nova legislação sindical, passando pelo período de fundações de um grande número de sindicatos na Bahia e no Brasil, é que lhe

Mutti de Carvalho é um líder que ultrapassa a barreira do tempo

credencia para dirigir, no momento dos primeiros passos, o Sindicato dos Bancários da Bahia”, segundo o livro Mutti de Carvalho: Um líder nato.

Mutti de Carvalho representa um protagonista, que teve participação decisiva nas lutas sindicais e greves que culminaram em importantes conquistas para o movimento bancário, como a implementação do Instituto da Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB), a consolidação da Lei de Seis Horas – que foi iniciada anteriormente – a estabilidade, entre outros direitos que foram adquiridos após aquele ano, como o Salário Mínimo Profis-

sional, conquistado em 1962.

A greve pelo Salário Mínimo Profissional aconteceu somente na Bahia, do dia 4 ao dia 7 de novembro de 1935. Após a greve, Mutti foi demitido do Banco do Brasil. A luta pela sua reintegração culminou com a transferência para Jequié, como forma de punição. Mesmo assim, as perseguições pelos integralistas continuaram. Mutti enfrentou os fascistas nativos e a direitização do governo de Getúlio Vargas.

Devido à sua ação classista, foi difamado, perseguido e entrou na clandestinidade no dia 10 de dezembro. No dia 1º de maio de 1937, decorrente das pressões políticas, perseguições patronais e da ação do Estado Novo, Mutti suicidou-se.

Mutti foi um exemplo de quem se dedicou à luta sindical e fez dela um instrumento de transformação da realidade. É um líder que ultrapassa a barreira do tempo.

Edição nº 01 do Jornal, de março de 1957



Personagens da história

O Sindicato dos Bancários da Bahia escreveu a sua história com a ajuda da militância de pessoas empenhadas com a causa sindical, e crentes em uma sociedade mais justa e igualitária para o trabalhador

por Yêda Nunes e Débora Melo

■ “A construção da Chapa Verde em 1975 marcou uma guinada para o renascimento do movimento bancário, depois de sua submissão a direções subservientes a serviços de informação da Ditadura. Foram colegas desprendidos como Geraldo Guedes, Jadson Oliveira, Valdimiro Lustosa, Milton Coutinho, Vivaldo Ornelas, Contreiras, Milton Garrido, Corinto Joazeiro, George Sá e outros, apoiados pelo heróico advogado trabalhista Rogério Ataíde e pelo Centro de Estudos e Ação Social - CEAS, dos jesuítas, que enfrentaram todos os riscos e apontaram para nós a possibilidade de confiarmos em nós mesmos e vencer. Sem eles, eu não teria chegado a me engajar no movimento vitorioso de 1978-1981”.

PEDRO BARBOSA – *Ex-Diretor do Sindicato dos Bancários da Bahia*

Na década de 80 o Sindicato voltou a ter uma direção classista, no sentido de atuar na defesa de todos os trabalhadores e não apenas dos bancários. Em 1985, os empregados da Caixa realizam a primeira greve da sua história, reivindicando o reconhecimento dos “economiários” enquanto bancários, com a extensão da jornada de Seis Horas e o direito à sindicalização. A greve é vitoriosa já num primeiro momento e 80% dos empregados da Caixa filiam-se ao Sindicato. Na década de 90, os empregados dos bancos públicos sofreram um ataque brutal do governo FHC. O Sindicato teve um papel fundamental na luta contra as privatizações.

EMANOEL SOUSA DE JESUS – *Presidente da Federação dos Bancários da Bahia e Sergipe*



“O Sindicato dos Bancários da Bahia constituiu-se numa das entidades de classe mais respeitadas do país. A partir de 1987 adotou um sindicalismo classista e cidadão, voltado não somente às questões da categoria, com expressivas conquistas no campo trabalhista. Mas também externas como no Movimento Fora Collor, contra a corrupção e vários outros. Promoveu inserções

na sociedade, através dos movimentos sociais, como a criação do Iapaz – Instituto de Estudo e Ação pela Paz com Justiça Social –, realizando oficinas nos Fóruns Sociais Mundiais. Atua decisivamente nas áreas de esporte, educação, cultura, música, teatro, poesia, e até no Carnaval e outras festas populares. É reconhecido no meio jurídico, exemplo da ação do BBI – Banco da Bahia de Investimentos –, quando, enquanto presidente da entidade, cheguei a ser nomeado interventor da instituição. Destaco a valorização da comunicação. É o único Sindicato do Brasil que veicula diariamente um jornal impresso (O Bancário) e um programa de televisão (Agência Cidadania). Os fatos do mundo analisados sob a ótica dos trabalhadores. Mais 80 anos atuantes para esta relevante entidade. Parabéns a toda a categoria”.

ÁLVARO GOMES – *Deputado Estadual (PCdoB) e ex-Presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia*



■ “Em algum momento do ano de 1972, em Salvador, meu então colega do antigo Baneb, Geraldo Guedes, me procurou. Geraldo distribuía, clandestinamente, um jornalzinho mimeografa-

do, “O Bancário”, falando basicamente de leis trabalhistas. Começamos a aparecer em reuniões, discretamente, cheios de temor e cuidados, no auge do terrorismo de Estado, ditadura de Médici -, qualquer atividade desse tipo era passível de suspeita e perseguição. Hoje é até difícil se acreditar que havia riscos num ativismo tão banal. Mas havia sim. Por essa época nos tornamos militantes do PC do B (na clandestinidade, claro). Quero destacar esse momento de 1972, publicamente invisível, quando foi re-

começado o trabalho da Oposição Bancária, depois da desarticulação de 1969, com a edição do AI-5. O movimento foi crescendo, crescendo, ganhou muitos outros valorosos ativistas, e chegou ao momento de maior visibilidade, em 1981: a oposição conseguiu, com uma chapa composta de várias tendências de esquerda, encabeçada por Osvaldo Laranjeira (hoje dirigente do PT), derrotar a “pelegagem” da ditadura”.

JADSON OLIVEIRA – Jornalista e militante Sindical da época



■ “O Sindicato dos Bancários da Bahia é uma das entidades mais respeitadas do mundo sindical em nosso país. Tem sido um celeiro de quadros da

vida sindical e da cidadania. Este sindicato também tem se destacado na luta em defesa dos direitos da mulher. Foi um dos primeiros a criar um departamento feminino e a constituir diretoria que tenha a efetiva responsabilidade de tratar do direito da mulher trabalhadora. Neste caso, as mulheres bancárias, que passam por um processo de exploração no trabalho, com sucessivos acúmulos de doenças do trabalho e que, sem dúvida, merecem e mereceram, por parte dessa entidade, uma atenção especial. Por isso, o Sindicato dos Bancários, nesse seu aniversário, merece os parabéns. Tem sido fiel depositário da confiança dos bancários da Bahia, e tem, sem dúvida, a chancela de responder pelos interesses mais legítimos dessa categoria. Parabéns ao Sindicato dos Bancários da Bahia”.

ALICE PORTUGAL – Deputada Federal pelo PCdoB

■ “Nestes 80 anos, a entidade cumpriu relevante papel na luta pela democracia. Sua sede abrigou a primeira campanha de Lula para presidente, em 1989, e logo após se constituiu como o principal articulador da luta pelo Fora Collor

na Bahia. Vale contar ainda que sua marca de resistência e perseverança foram peças chaves na campanha que elegeu Lula, um operário, presidente da República, em 2002, abrindo um ciclo de mudanças, trazendo novas perspectivas para a classe trabalhadora brasileira. Do ponto de vista das jornadas de lutas, as histórias são incansáveis, mas uma, em especial, retrata a cena na porta do Bradesco - Agência Centro (antigo Banebão). Uma



tropa de policiais usava de toda truculência para reprimir o movimento, quando num determinado momento um oficial agarrou Euclides, então presidente da entidade, anunciando que ele estaria preso. Nes-

te mesmo instante, os membros da diretoria resistiram, retirando-o dos braços do “milico”. Foi uma atitude heróica dos dirigentes da entidade que reafirmaram a luta como uma marca da ação sindical dos bancários.

ADILSON ARAÚJO – Presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, Diretor do Sindicato dos Bancários da Bahia e funcionário do Itaú/Unibanco

■ “Tanto para mim, como para muitos bancários, o sindicato foi uma escola de aprendizado político, social, solidário e rebelde em torno da entidade. No Sindicato dos Bancários da Bahia traçamos uma luta contra o regime militar, luta pela democracia do país e construção do início de uma vida política. O SBBA marcou minha trajetória por se constituir em uma escola de política que influenciou e ainda influencia na minha formação moral, ética e de novos valores. Foi, contudo, a base sólida para o crescimento da carreira política.”

EVERALDO AUGUSTO – Ex-Presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia, vereador pelo PCdoB e ativista sindical há 30 anos





Os dilemas da tecnologia

Além de possibilitar o aumento da lucratividade dos bancos, o autoatendimento e a automação têm sido responsáveis pela diminuição de postos de trabalho para os bancários

por Rodrigo Marques

O Brasil vive um paradoxo. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), divulgou em 2011 que 44% das pessoas que têm conta bancária são clientes há, no máximo, cinco anos. Enquanto o acesso aos serviços bancários aumenta por todo o País, a classe vem passando por transformações profundas, principalmente por conta da diminuição dos postos de trabalho desde o final da década de 80. A introdução dos terminais de autoatendimento e o processo de automação nas mais diversas transações bancárias têm trazido novos dile-

mas para a categoria.

Os dados mostram que o incremento dos recursos tecnológicos promove uma redução profunda do emprego. No entanto, houve um aumento do trabalho bancário, devido ao fato de que hoje há mais correntistas, mais usuários, criação de novos produtos, aumento das vendas, entre outros aspectos. Tudo isso se reflete nos lucros crescentes que os bancos vêm tendo ao longo dos anos. “O impacto mais visível foi a redução drástica do número de trabalhadores dentro das agências. Tarefas passíveis de serem automatizadas deixaram de ser realizadas pelos bancários para serem feitas

pelos próprios clientes”, destaca Élder Perez, diretor para assuntos socioeconômicos do Sindicato dos Bancários da Bahia.

Clientes ou funcionários?

Segundo Perez, ao mesmo tempo em que o uso da tecnologia pode sugerir uma comodidade ao cliente, as tarefas bancárias feitas pelos usuários, geralmente tiram a responsabilidade do banco caso haja algum equívoco na operacionalização da transação realizada por alguém que não representa a empresa. “É um sério risco, que envolve segurança, e o banco pode não se responsabilizar. Além disso, o cliente paga para trabalhar para o banco, na medida em que ele próprio realiza o trabalho que deveria ser feito por um bancário. E ainda são cobradas dele as tarifas bancárias”, acrescenta.

A automação também permitiu que o trabalho das agências atravessasse as fronteiras dos bancos e fosse realizado pelos correspondentes bancários – lotéricas, correios, supermercados, lojas, etc. Élder Perez complementa: “Vale ressaltar que os trabalhadores destes correspondentes não têm as mesmas garantias trabalhistas que os bancários, embora realizem pagamento de contas, saques, dentre outras operações”.

Consequência para os bancários

Apesar de ter contribuído diretamente para a diminuição do número de bancários, o autoatendimento e a automação não reduziram o trabalho nos bancos. “A mudança no perfil dos bancários, com a nova configuração do sistema financeiro, fez com que todos se tornassem captadores de clientes. Os clientes trabalham para os bancos e os bancários têm que vender produtos e aumentar a carteira de clientes”, explica Perez. Para ele, a política de metas gera o assédio moral e uma pressão insuportável para os bancários, fatores que são causadores de doenças físicas e psíquicas dentro da categoria.

Bancário x Tecnologia

período (1)	investimento*	posto de trabalho
1996	1,5	483.165
1997	1,8	446.830
1998	2,1	426.442
1999	2,5	392.869
2000	2,9	402.425
2001	3,1	393.140
2002	3,5	392.180
% (1996-2002)	133.33%	-18,83%

(1) Os dados de investimento em tecnologia referem-se a investimento anual. A quantidade de postos de trabalho, refere-se a 31/12 de cada ano. * Em bilhões de Reais – Fonte: Relatório anual 2002 da Associação Brasileira de Bancos ABBC e DIEESE. Elaboração: SEEBSP/SESE-DIEESE

revivendo a memória

O Sindicato dos Bancários da Bahia possui registros importantes que marcaram a história da classe bancária na Bahia. Um passeio pelo tempo, a partir de 1930 até os dias de hoje, mostra as lutas do movimento sindical em épocas de grande importância para o Brasil

por Débora Melo
fotos divulgação



Diretoria do SBBA - período 1951-1953



Recepção para Nelson Carneiro - 1953



Lula em campanha no Banco Econômico - 1989



Inauguração do Centro de Memória do Sindicato dos Bancários da Bahia - 1982



1ª Convenção Nacional do Trabalho - 1960

Ao completar 80 anos, o Sindicato dos Bancários da Bahia finalmente conta a sua história através de mais de 1,6 milhão de documentos que farão parte do Centro de Memória a ser inaugurado no primeiro semestre de 2013. Sonhado e idealizado desde a década de 60 por inúmeros sindicalistas e dirigentes, finalmente tomou forma nas mãos do atual presidente, Euclides Fagundes, testemunha de muitas lutas e vitórias da categoria. “A procura pela informação nos mostrou a necessidade de um local que servisse de apoio e consulta para toda a sociedade”, declara Fagundes. Ele mesmo nos conta um pouco de como será a realização desse projeto de grande importância para a categoria bancária.

Em Cheque: De que forma foi pensada e concebida a idéia de um Centro de Memória para o Sindicato dos Bancários?

Euclides Fagundes: O desejo de criar e catalogar, de forma a manter viva a memória dos bancários e

centro de memória

dos trabalhadores de uma forma geral sempre existiu. Tudo começou com os antigos dirigentes e nos últimos anos isso tem se intensificado. Nós já estamos construindo toda a infraestrutura do acervo a algum tempo, aqui no próprio sindicato, no térreo. Já equipamos o espaço com arquivos deslizantes, para os documentos mais antigos, e estamos adequando tudo às necessidades. Já temos o espaço da biblioteca, que está pronta, e pretendemos inaugurar ainda este ano.

EC: Quantas pessoas existem hoje, diretamente envolvidas com esse projeto?

EF: Muitas pessoas já foram colaboradoras neste projeto. Hoje, temos duas pessoas na Biblioteca, temos a Aurora, que fiscaliza o processo de tratamento dos documentos arquivísticos, e mais duas pessoas que atuam no processo de restauração de livros antigos. Outras

ainda virão para a tarefa de digitalização, mas um pouco mais pra frente.

EC: O acervo vai contar com fotos, livros, vídeos e outros itens históricos da instituição. Como está sendo o processo de coleta desses materiais?

EF: Ao longo dos quase 80 anos do sindicato muitos documentos foram perdidos, destruídos, principalmente durante a ditadura. Já há algum tempo começamos um trabalho de recuperação e tratamento. Muita coisa também foi doada por militantes, principalmente os mais antigos. Estamos preparando também a digitalização, que é um processo mais demorado, mas que será feito. Tudo começou, num primeiro momento, com Geracina Aguiar. Depois fizemos um trabalho de entrevistas, debates com dirigentes antigos. Contamos também com a importante contribuição da professora





Passeata da Miséria Geral



Greve - 1990



Lula é eleito presidente

Petilda Vasquez, e por último, contamos com o apoio da professora Aurora Freixo, do Departamento de Arqueologia da Universidade federal da Bahia (UFBA), que tem feito uma triagem das documentações do sindicato.

EC: Quais os maiores destaques do acervo do Sindicato dos Bancários?

EF: Documentos do início da fundação do sindicato, que foram recuperados a partir de arquivos pessoais de militantes e ex-dirigentes sindicais, são de grande im-

portância histórica. Outra raridade, por exemplo, é a carteira de filiação do fundador e primeiro presidente do sindicato, o Mutti de Carvalho, um homem de extrema relevância para a nossa história. Tudo no acervo mostra as lutas do movimento sindical dos bancários, desde épocas de grande importância para o Brasil como a luta pela Anistia, as Diretas Já, passando pelo Fora Collor, e a eleição de Lula. Grande parte das ações de ativistas estão registradas e ficarão à disposição do público.

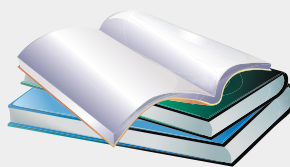
FAZEM PARTE DO ACERVO:



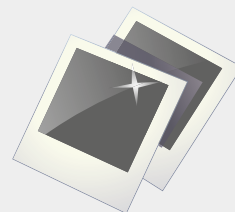
1,6
milhão de
documentos



2,5
mil fitas de
vídeo



4 mil
jornais e informativos;
livros e documentos



20
mil
fotos



Insegurança constante

Arrombamentos, explosões, sequestros e saidinha bancária são algumas ações criminosas que deixam o bancário e a população em estado de alerta ao frequentar as agências

por Débora Melo

O número de assaltos e seqüestros relacionados a bancos cresceram de forma assustadora no estado. Em um comparativo, de 2009 a 2010 esse número subiu 166%. Já nos três primeiros meses de 2011 foram computados, na capital e no interior, 23 assaltos a bancos e saidinhas bancárias. Do início de 2012 até o mês de agosto, os números são assustadores. Somam 159 ocorrências de violência envolvendo o setor bancário.

Um estudo recente, publicado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), revela: os cinco maiores bancos em atuação no país lucraram R\$ 50,7 bilhões em 2011, no entanto os investimentos em segurança somaram R\$2,6 bilhões, apenas 5,2% do total da lucratividade do ano passado.

Apesar dos dados citados, a segurança, ou melhor, a falta dela, é

um dos problemas que mais preocupam os bancários. A insegurança nas agências e caixas rápidos atinge não só os trabalhadores, mas também clientes e vigilantes.

Números que assustam

O desprezo pela vida humana, o pensamento apenas no lucro, e o não cumprimento das normas previstas na Lei 1702/83, fazem de toda a sociedade reféns que vivem em constante clima de medo e insegurança. A 3ª Pesquisa Nacional de Ataques a Bancos (realizado pela Confederação Nacional dos Vigilantes (CNTV) e pela Confederação Nacional dos Trabalhadores no Ramo Financeiro (Contraf), com apoio técnico do Dieese, divulgada em agosto de 2012, revelou dados assustadores no que se refere a assaltos a bancos.

Em relação ao primeiro semestre de 2010, por exemplo, os assaltos cresceram 25,2% em relação ao mesmo período de 2011; subiu de

301, para 377 casos. Os arrombamentos de agências, postos de atendimento e caixas eletrônicos passaram de 537 para 884 no mesmo período – um crescimento de 64,6%. Os vários tipos de assaltos a bancos, somados, contabilizaram 1.261 ocorrências, uma alta de 50,5% em relação ao primeiro semestre de 2011, quando houve 838 casos.

Para a contadora Vanessa Pereira, que já sofreu com a saidinha bancária e clonagem de cartão de crédito, muita coisa tem que ser feita. “O cliente não pode pagar pelos desejos de lucro das grandes corporações. É muita violência e pouca segurança, dentro e fora dos bancos. Pagamos taxas disso e daquilo e nem ao menos temos direito à segurança”, diz.

O SBBA revela os números que competem a 2012 e que já são alarmantes. No estado (até dezembro de 2012), ações de assalto somam **144 assaltos, 97 explosões, 58 arrombamentos, 26 tentativas frustradas.**



Fotos: divulgação



Bancário X Violência

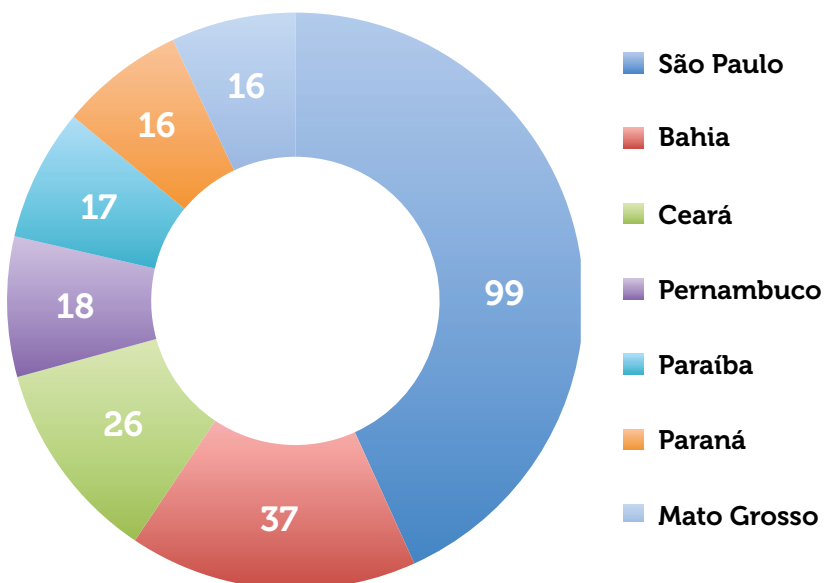
Conviver com essa constante sensação de perigo, não faz bem ao bancário no seu dia-a-dia. Para os que acabam diretamente sendo vítimas de sequestros, assaltos e arrombamentos. Há receios, já que muitas instituições bancárias acabam por demitir funcionários, ligados de alguma forma, a essas ações.

É muito importante que nesses casos o bancário busque o auxílio da entidade que disponibiliza em regime de plantão, três vezes por semana, um Médico do Trabalho, capacitado para dar um atendimento de emergência e encaminhamento se necessário. Muitos bancários sofrem traumas oriundos de violência profissional, e alguns precisam até se afastar por tempo indeterminado do serviço.

“Ao chegar para trabalhar fui surpreendida por três elementos armados. Eles eram muito agressivos, nos ameaçava de morte. Precisei usar medicamentos tarja preta e de acompanhamento psiquiátrico e psicológico. Tive também problemas de saúde decorrente do forte estresse, tais como diarreias, dores estomacais, queda de cabelo, irritabilidade e insônia. A chegada ao local de trabalho é difícil, a cena se repete e me sinto vulnerável. Tenho a impressão de que vai acontecer novamente”. A fonte prefere não se identificar.

Segundo o professor e psicanalista Antônio Carrilho, a tomada de consciência do ocorrido, o mais rápido possível é fundamental. Assim como os especialistas em criminalística, o psicanalista sugere que o melhor é não reagir, não olhar ou encarar o assaltante, pois isso pode parecer intimidação e acabar incitando-o à agressão. “A ocorrência do contrário, “foge a regra”, e por isso surge o improvável, o que pode ou não culminar em uma tragédia”, diz.

ESTATÍSTICAS DE ASSALTOS A BANCOS POR ESTADO



Medidas de Segurança

A lei nº 2.378, de 26 de dezembro de 2001, dispõe sobre a normatização da segurança em instituições financeiras. De acordo com o texto, estabelecimentos em que houver instalados equipamentos de autoatendimento da rede (caixas eletrônicos) serão obrigados a instalar câmeras de vídeo para monitoramento e registros de imagens e cenas ocorridas no interior da instituição financeira, alarmes capazes de permitir, com segurança e eficiência, comunicação entre estabelecimento financeiro e outro da mesma instituição, empresa de segurança ou órgão policial mais próximo.

Os bancos não cumprem as normas de segurança. Muitas agências não têm portas giratórias, biombos e câmeras em números necessários e determinados. No interior é comum, e ilegal, funcionários de banco transportarem quantias em dinheiro de uma agência para outra. Um exemplo claro de não cumprimento dessas normas, são as multas que os bancos recebem.

Em busca de soluções

Recentemente foi aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Assembléia Legislativa da Bahia, por unanimidade, o projeto de lei nº 19.064/2011, que obriga as instituições bancárias e financeiras locais a adotarem normas de segurança relacionadas ao cliente. Por exemplo, a Lei exige a instalação nas agências bancárias (em terminais eletrônicos), das famosas divisórias, que impeçam a visualização do teclado e posteriormente de senhas e outros dados, por terceiros; além de portas giratórias com detector de metal antes do autoatendimento; instalação de câmeras internas e externas com monitoramento em tempo real, vidros blindados nas janelas e fachadas.

O presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia, Euclides Fagundes, diz que a categoria tem lutado incessantemente, junto aos bancos e ao estado, para diminuir os índices de violência. “Temos buscado encontrar soluções para que os números diminuam e que os banqueiros invistam mais em ações preventivas de segurança. Na última campanha salarial, inclusive, batemos firme em cima dessas questões”, relata o dirigente.

Ações preventivas como o uso da Porta Giratória (de iniciativa dos bancários), a proibição do uso de celulares em bancos e rondas ostensivas

em prol da comunidade têm sido feitas, mas ainda não é o suficiente. Desde abril de 2011 está ativa uma Força-Tarefa criada pela Secretaria de Segurança Pública, por iniciativa do SBBA, pra combater a ação de quadrilhas especializadas em roubos a bancos, através de ações conjuntas dos órgãos integrantes do Sistema de Segurança Pública, do Ministério Público e de instituições financeiras.

Criado este ano pela Polícia Civil, o Grupo Avançado de Repressão a Crimes contra Instituições Financeiras (GARCIF) já formou seis bases operacionais que já funcionam nos municípios de Juazeiro, Itabuna, Vitória da Conquista, Itaberaba, Barreiras e Feira de Santana.

Apesar das medidas de segurança, ainda é muito insuficiente o investimento do estado diante da necessidade de combater os crimes de bancos onde a maior vítima é o bancário e o cliente.



Moral assedada

Metas abusivas. Humilhações constantes. Entenda como o assédio moral se tornou um dos principais problemas no ambiente de trabalho dos bancários

por Rodrigo Marques



“A empresa não precisa de um incompetente igual a você”, “Aqui não é lugar de doente. Você só atrapalha”, “Se não quer trabalhar, saia e dê espaço para quem realmente deseja”. Certamente é muito difícil para um funcionário ouvir isso de um chefe, no entanto, frases como essas são cada vez mais comuns nos ambientes de trabalho. A exposição dos trabalhadores a situações constrangedoras e humilhantes, que acontecem de forma prolongada e repetitiva durante a jornada de trabalho, caracterizam o assédio moral.

A luta contra o assédio moral, visando melhores condições de trabalho, tem sido uma das principais bandeiras que o Sindicato dos Bancários da Bahia tem levantado. Oito, em cada dez funcionários de bancos do país, afirmam que o assédio moral é o maior problema que enfrentam no trabalho. É o que mostra uma pesquisa feita pela Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf), em 2010, com 1.203 empregados de bancos de todo Brasil. Para a grande maioria, o combate aos abusos dos chefes é a ação mais importante a ser promovida por empresas e sindicatos.



Em nível
nacional, o
problema atinge

66%

dos bancários,
segundo consulta a

27.644

trabalhadores
feita em 2011,
pela Contraf

Há alguns anos, a questão das metas era colocada de outra forma. O caixa era apenas caixa. O gerente era gerente e no máximo vendia alguns produtos. Havia a figura do vendedor de produtos. Essas metas abusivas colocadas para os bancários é o principal problema que tem levado ao adoecimento da categoria. É um crime continuado no local de trabalho, que acontece diariamente e caracteriza o assédio moral. Quem comete esse crime não percebe, e a vítima leva os problemas para casa. Em nível nacional, o problema atinge 66% dos bancários, segundo consulta a 27.644 trabalhadores feita em 2011, pela Contraf.

Resistindo às pressões

“O assédio moral atinge homens e mulheres, trabalhadores de todas as categorias, desde a iniciativa privada e o setor público. Há uma relação autoritária de hierarquia, onde condutas negativas se repetem, causando destabilidade emocional, que muitas vezes leva ao adoecimento do funcionário”, alerta o advogado Florisvaldo Filho. Dentro do trabalho de interiorização do Sindicato dos Bancários da Bahia, existe uma preocupação em sempre oferecer palestras e um contínuo trabalho de conscientização sobre as questões que envolvem o assédio moral. “Nas nossas visitas periódicas sempre fazemos questão de alertar sobre esse tema e também contamos com o apoio de psicólogos nos eventos que realizamos nos municípios”, afirma o Diretor de Interior, Jovelino Sales Souza.

LER e DORT

Ao sofrer o assédio moral, o trabalhador fica mais concentrado no medo do que no próprio trabalho, ficando impedido de pensar,

sentir e refletir sobre o mesmo. “A soma da impossibilidade de reflexão com alto volume de trabalho gera, o resultado de que tarefas repetitivas simples e a alta competitividade entre os funcionários têm um forte indício de adoecimento no trabalho por esforço repetitivo”, destaca o psicólogo Vitor Barros Rego. Isso tem levado milhares de bancários a sofrerem por Lesões por Esforços Repetitivos ou os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (LER/Dort), que envolvem as tendinites, tenossinovites, cervicalgias, dentre outros.



Foto: Banco de Imagens

ALGUMAS ATITUDES DE ASSÉDIO MORAL

- Exigir que o funcionário faça horários fora da jornada;
- Impedir o funcionário de questionar e mandá-lo ficar calado;
- Sugerir que o funcionário peça demissão, por sua saúde;
- Ridicularizar o doente e a doença e menosprezar o sofrimento do outro;
- Ameaçar constantemente sobre uma possível demissão;
- Desqualificar o trabalho realizado;
- Sobrecarregar ou impedir a continuidade do trabalho.

Segundo dados do Ministério da Previdência, no Brasil, dos 17.693 casos de doenças relacionadas ao trabalho, em 2009,

10.867
configuram LER/DORT

Os setores mais atingidos foram os da atividade financeira

[11,6%]

e comércio, e reparação de veículos automotores

[11%]

Um lutador implacável

José Alberto Santana Barberino foi um grande estudioso das questões relacionadas à saúde, sendo um incansável organizador dos trabalhadores e trabalhadoras acometidos por doenças ocupacionais na busca de seus direitos. Além de Dirigente Nacional da Central dos Trabalhadores do Brasil (CTB), também era Diretor de Saúde do Sindicato dos Bancários da Bahia e membro do Conselho Estadual de Saúde da Bahia. José Barberino percorreu vários estados falando sobre a experiência do Sindicato dos Bancários da Bahia no combate ao Assédio Moral.

Fonte: Cartilha "Assédio Moral: Saiba o que é e como se defender", elaborada pelo Sindicato dos Bancários da Bahia

Onde denunciar

- **Superintendência Regional do Trabalho e Emprego – SRTE:** Av. Sete de Setembro, 698, Mercês
Tel.: (71) 3329-8400;
- **Ministério Público do Trabalho 5ª Região:** Av. Sete de Setembro, 308, Vitória – Tel.: (71) 3324-3400;
- **Centros de Referência em Saúde do Trabalhador – Cerests:** Rua Conde Filho, 117, Graça – Salvador;
Av. Presidente Dutra S/N – Feira de Santana; Antiga Av. Radial A, 400, Centro – Camaçari – Tel.: (71) 3621-0339/5077/0222;
- **Coordenadorias Estaduais de Saúde do Trabalhador – Cesat:** Rua Pedro Lessa, 123, Canela – Salvador – Tel.: (71) 3336-1627/ 0012/8055 ou 3249-7888.

Bradesco: Presença no Assédio Moral

O assédio moral é um dos muitos problemas que transforma a rotina dos trabalhadores do Bradesco por todo Brasil. Um dos casos mais emblemáticos foi o da Gerente Geral Marli da Costa Souza Gonçalves, de 44 anos, que trabalhava em uma agência de Santos, no litoral de São Paulo. Ela não aguentou a pressão e suicidou-se.

Amigos contaram que Marli vinha sofrendo pressões insuportáveis desde que o BBV (seu antigo banco) foi incorporado pelo Bradesco. A gerente vinha sendo assediada moralmente pelo banco com ameaças de demissão para cumprir metas impossíveis, e por um crime que não cometeu. Por isso, fazia acompanhamento médico utilizando antidepressivos.

Em agosto de 2012, foi decidido que o Bradesco teria que pagar indenização por danos morais

coletivos no valor de R\$ 800 mil pela prática de assédio moral, discriminação e demissões abusivas. A decisão foi do juiz Carlos Hindenburg de Figueiredo, da 9ª Vara do Trabalho em João Pessoa, ao julgar ação civil pública movida pelo Ministério Público do Trabalho (MPT) contra o banco. A decisão vale para todo o território nacional. Outro caso emblemático aconteceu na Bahia, em 2011, diante do pedido em ação civil pública ajuizada em 2008, pelo procurador do Ministério Público do Trabalho (MPT) e professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Manoel Jorge e Silva Neto. O Banco Bradesco S/A foi condenado por assédio moral e teve de pagar o valor de R\$ 100 mil em danos morais coletivos, além de cumprir várias obrigações que visam inibir a prática de assédio.

Na luta por mudanças

Através de reivindicações, manifestações e greves, o Sindicato dos Bancários busca melhorias para a categoria

por Débora Melo fotos reprodução

História da Luta Sindical



1934 - Acontece a primeira greve nacional dos bancários. O governo regulamenta o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Bancários e dá estabilidade a quem tem mais de dois anos de serviço.

1961 - Deflagrada a terceira greve nacional. A principal reivindicação era o reajuste de 50%. Depois de seis dias de paralisação a categoria vence e unifica a data-base em cinco Estados. A partir desta greve a esquerda se articula para ocupar maior espaço na direção do Sindicato.

1934

1961

1962

1962 - O Congresso Nacional veta Santiago Dantas para o cargo de primeiro-ministro. Ouve manifestação, a repressão espanca dirigentes sindicais e os bancários decretam greve de 24 horas. Três meses depois, outra greve se inicia em função da recusa da Associação dos Bancos em receber um ofício do Sindicato dos Bancários. Os trabalhadores reivindicavam 70% de aumento e fim do trabalho aos sábados. Até então, a greve de 1962 foi considerada a mais importante por ter conseguido o SMP.



Foto: Arquivo Osvaldo Lemos

Campanha Salarial 2012

A Campanha Salarial da categoria bancária é o momento de organizar-se coletivamente, para lutar e negociar as reivindicações. Na Bahia, o Sindicato dos Bancários atua de forma organizada e paralela à Campanha Sindical Nacional, e em 2012 mostrou sua força, destacando-se com uma das mais mobilizadas do país.

A adesão dos bancários foi o fator mais importante desta batalha contra as grandes corporações bancárias e a favor da categoria. A mobilização nos bancos públicos e privados foi feita nos nove dias de paralisação, enquanto a diretoria do Sindicato percorreu agências do interior e da capital explicando a pauta de



Campanha salarial 2012

reivindicações em parceria com o Comando Nacional dos Bancários e com a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos).

Segundo o Comando Nacional de Greve, foram paralisadas 9,3 mil

agências em todo o país.

Na Bahia, na primeira semana, 763 agências foram fechadas, e no nono dia de greve, o total já era de 770 unidades estavam com as portas fechadas.



1963 - Às vésperas do **Golpe Militar**, os bancários decretam greve de 24 horas contra a indicação de Auro de Moura Andrade para a pasta de primeiro-ministro. O presidente João Goulart cede às pressões e Auro Moura não é nomeado. Em setembro, a categoria adere a mais uma greve nacional reivindicando 80% de reajuste sobre os salários vigentes e outros 40% a vigorarem em março do ano seguinte. Vários sindicatos aceitam os 70% oferecidos pelos banqueiros, mas a Bahia, Pernambuco, Guanabara e Paraná conquistam 75% de reajuste em 1963, e mais 35% a partir de março de 1964.

||||||| 1963 |||||

||||||| 1985 |||||

||||||| 1962 |||||



1985 - O regime militar sufoca o movimento sindical. Entretanto, a partir deste ano, mais de duas décadas após a última greve, os bancários voltam a se unir em movimentos nacionais, e a Bahia, mais uma vez, resiste e impõe assinatura de

acordo salarial com os banqueiros como condição para o fim da paralisação. O movimento ficou na história, sobretudo, por assegurar o direito de greve. Nesse ano, os bancários conquistam índice global de aumento de 89,55% no salário.

1986 - Os bancário baianos entram em greve. Era a época do Plano Cruzado, e após dois dias de paralisação com adesão de 95% da categoria, os bancários conseguem aumento de 100% do INPC acumulado e 2% de produtividade.

Campanha salarial

A Luta

A campanha salarial começa bem antes de setembro. São muitos debates e encontros em todo o país, até que

uma pauta coesa se forme. Todas as ações são pensadas para fortalecer o movimento e chamar a atenção da categoria e da população para a necessidade de mudanças no sistema financeiro.

Ajuda o movimento ainda, a indignação popular frente aos desrespeitos dos bancos contra os clientes e trabalhadores, seja em longas filas de espera, pouca segu-

rança, altas taxas de juros, pouco efetivo, etc.

Em 2012, muitos itens fizeram parte da pauta de negociações, como a redução das taxas de juros, o aumento do quadro de funcionários, o reajuste de 10,25% nos salários (aumento real de 5%), uma participação nos resultados (equivalente a três salários mais R\$ 4.961,25 fixos) piso salarial de R\$ 2.416,38, criação do 13º auxílio-refeição e aumento dos benefícios já existentes para R\$ 622, fim da rotatividade e das metas “abusivas”, melhores condições de saúde e trabalho e mais segurança nas agências.



1989 - Acontece a greve com maior adesão de bancários da rede privada, que obrigou os banqueiros a negociar fora da data-base da categoria e oferecer reajuste médio de 40% no salário. No Baneb, o aumento médio totalizou 51,3%. Houve reposição salarial de 1.084% na rede privada, incluindo 4% de produtividade. Os funcionários do Banco Nacional da Bahia permaneceram paralisados por 28 dias. Foi a maior greve desde 1951, e conseguiram reajuste igual ao dos demais bancos.



||||| 1989 |

||||| 1990 |

||||| 1991 |

1990 – A campanha salarial começa mais cedo e os bancários entram em greve nacional. Apenas os funcionários dos bancos federais ficam de fora. Na Bahia, o movimento durou 23 dias e conquistou 54% de aumento de salário, estabilidade por 90 dias e o não desconto dos dias parados.



1991 – A greve deste ano garante aos bancários da rede privada reajuste global de 103,45%, o que representou 34,5% a mais do que os banqueiros ofereceram.

Na época, Euclides Fagundes, presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia deu uma declaração em que deixava claro os principais pontos da campanha daquele ano: segurança e saúde. “Somos vítimas dessa história de exigir cada dia mais e mais metas e isso está levando ao adoecimento da categoria bancária, portanto queremos mais respeito”, disse.

Após reuniões e negociações a Fenaban conseguiu que, após nove



Foto: Manoel Porto

2012

dias, os bancos privados decidissem por finalizar a greve mais cedo, ao acatar a proposta de reajuste de 7,5% (2% de aumento real), elevação do piso da categoria e do vale-refeição e vale-alimentação em 8,5% (2,95% de reajuste sobre a inflação). Embora não tenha sido

uma unanimidade, funcionários dos bancos do Nordeste, Brasil e Caixa Econômica continuaram com a manifestação, onde reivindicavam reajuste de 10,25%, o que significa 5% de aumento

descontada a inflação do período.

Em assembleia, após dez dias de paralisação, os trabalhadores dos bancos públicos decidiram pelo fim da greve e com um saldo positivo para a categoria, embora o posicionamento da Fenaban não tenha atingido as expectativas da classe.

1996 - Mais uma greve nos bancos privados obriga os banqueiros a aumentarem de 8% para 10,8% o índice de reajuste dos salários; abono de 45% e 60% do salário, mais a Participação nos Lucros e Resultados. Os bancos federais estendem a todos os funcionários o abono salarial, antes oferecido apenas aos gerentes. No Baneb, a conquista foi de 10,8% e pagamento dos atrasados.



2009 - Neste ano, 520 agências fecharam as portas na Bahia e 7.200 no Brasil. A adesão na dos bancos públicos à greve atinge mais de 90% das unidades e cerca de 40% dos particulares. Embora a categoria tenha aceito a proposta feita pela Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) de reajuste salarial de 6% , em vez dos 10% exigidos, conseguiram um aumento na Participação nos Lucros.

1996

2004

2009



Foto: Manoel Porto

2004 - O ano de 2004, foi considerado de conquistas para os bancários tanto do ponto de vista da organização sindical como das questões econômicas. A maior greve feita pelos bancários em nível nacional durou um mês e assegurou, pela primeira vez nos últimos dez anos, reajuste salarial acima da inflação acumulada no período. Ao garantir reposição maior do que as perdas, a greve acabou de uma vez com a lógica imposta pelos banqueiros, de conceder abono para substituir o reajuste salarial.

Comunicação no DNA

Desde Mutti de Carvalho, a preocupação em fortalecer e ampliar a mobilização da categoria e da sociedade como um todo, faz do Sindicato dos Bancários da Bahia uma referência no âmbito da imprensa sindical

por **Rodrigo Marques**

Desde a sua fundação, no ano de 1933, o Sindicato dos Bancários da Bahia (SBBA) já tinha a preocupação em comunicar à categoria e à população sobre as lutas que começariam a partir daquele momento. José Mutti de Carvalho, o fundador da entidade, além de bancário, também era jornalista e trabalhava para o Diário de Notícias. Mutti sabia utilizar de forma muito inteligente os jornais da época para divulgar as ações do Sindicato. No entanto, desde a década de 30, a categoria já necessitava de um veículo de comunica-

ção próprio, que pudesse mobilizar e conscientizar a classe.

Adelmo Andrade, Diretor de Imprensa e Comunicação do SBBA,

explica que a questão da comunicação é fundamental para dar visibilidade às lutas dos bancários na Bahia. “O movimento sindi-



*Adelmo Andrade,
Diretor de Imprensa
e comunicação
do Sindicato dos
Bancários da Bahia*

Foto: Zecops

cal sempre dependeu de um jornal, que poderia ser quinzenal ou mensal, para passar mensagens economicistas voltadas para a categoria, além de debater temas importantes como as campanhas salariais, demissão em massa, dentre outros motivos que levavam a fazer um jornal voltado exclusivamente para a categoria”. Ao longo da sua trajetória, o SBBA tem mostrado que para se tornar a referência nacional que é hoje, muito foi feito.

O primeiro jornal do SBBA, chamado **“Bancário Bahiano”**,



Jornal O Bancário, único periódico sindical diário do país

Com a retomada do Sindicato em 1981, “O Bancário” é resgatado e, em 1989, passa a ser editado diariamente, de segunda à sexta, como permanece até hoje”, destaca Ney Sá, jornalista do Sindicato e primeiro editor da publicação.

Visão com investimento

O jornal “O Bancário” é hoje o único jornal sindical impresso com publicação diária no Brasil. No final da década de 80, o Sindicato dos Bancários entendeu que precisava avançar e melhorar o diálogo com a categoria. O jornal diário poderia ser um instrumento

que fortaleceria a entidade, contra o controle da informação praticado pela grande imprensa. As demandas da categoria encontraram no jornal o instrumento ideal para manter a informação e a mobilização dos bancários.

O deputado estadual Álvaro Gomes era o presidente do Sindicato na época da implantação do jornal diário. Ele conta que a viabilidade do projeto foi bastante debatida pela diretoria, mas que depois que o “O Bancário” foi lançado, todas as expectativas foram superadas. Já na primeira pesquisa, foi constatado que mais de 90% da categoria lia o jornal. Mais de 20 anos depois, a publicação diária se con-

“Quando fizemos a primeira pesquisa, foi constatado que mais de 90% da categoria lia o jornal”

Álvaro Gomes – ex-presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia

surgiu em outubro de 1939. No entanto, teve vida curta, com apenas mais um número que saiu em novembro daquele ano. Em 1957, surge o jornal “Mutti”, capitaneado por Raimundo Reis, ex-Presidente do Sindicato e responsável pelo setor de imprensa na década de 50, que foi cassado pela Ditadura em 1964. Esse jornal era uma homenagem ao fundador da entidade. Em 1960, o Sindicato lança o jornal “O Bancário”, nome que permanece até hoje. Com a intervenção no SBBA, determinada pelo golpe militar de 1964, houve um período em que os jornais bancários deixaram de ser publicados.

solidou como uma referência na imprensa sindical do país, tendo uma gráfica própria, mostrando as lutas da classe, além de dar espaço para outros movimentos sociais. “A gente entende que não se deve partidarizar os instrumentos da entidade, mas a comunicação deve se posicionar em favor da sociedade e da classe trabalhadora, buscando fazer um contraponto com posições da grande mídia”, pontua Adelmo Andrade.

Rogaciano Medeiros, jornalista responsável pelo periódico, afirma que o objetivo do jornal diário não são apenas as questões relacionadas

rio da grande mídia, não se esconde na hipocrisia da imparcialidade, ele é um veículo que tem lado e opinião, e interpreta a notícia dentro da ótica dos trabalhadores.

Cidadania em vídeo

Além da publicação diário, o SBBA também produz o Agência Cidadania, um programa sindical para a TV aberta, que está no ar desde 2001. A Agência Cidadania vai ao ar de segunda à sexta, durante 1 minuto. Trata-se de um veículo importante para o Sin-



Home do site do Sindicato dos Bancários da Bahia



Estúdio de TV onde é gravado o programa 'Agência Cidadania'. Único programa de televisão diário produzido pelo movimento sindical, em todo o Brasil

Foto: João Ubaldo

aos bancários e sim discutir os grandes fatos nacionais que interessam a posição classista dos trabalhadores na luta capital e trabalho. Além disso, o jornal “O Bancário” ao contrá-

dicato dos Bancários, sobre as questões cruciais da categoria.

Recentemente foi construído um estúdio de TV no Sindicato, para a produção do Agência

Cidadania e de mais programas que serão exibidos na página eletrônica da entidade (Web TV) e em outros eventos. De nada adiantaria essa visão se não fosse a disposição e a decisão de investir em estrutura, equipe profissional e inovação.



Foto: João Ubaldo

Ilha de edição

Momento histórico - Em maio de 2001, após a quebra do sigilo de votação no painel eletrônico no Senado, por parte do então senador Antonio Carlos Magalhães,

*Redação do Departamento
de comunicação do Sindicato
dos Bancários da Bahia*



os estudantes saíram em passeata e sofreram uma forte repressão policial nas imediações da Universidade Federal da Bahia. O cinegrafista do SBBA, Rogério Almeida, fez o registro das cenas de violência explícita, que posteriormente foram enviadas e reproduzidas pelas principais emissoras televisivas do país.

Desafios futuros e a internet

Outro viés de comunicação que o Sindicato dos Bancários da Bahia tem apostado muito é a internet. A rapidez na divulgação das informações e poder de participação do público são essenciais para o sucesso que a rede mundial de computadores vem alcançando também na imprensa sindical. O site da entidade (www.bancariosbahia.org.br), bem

como as redes sociais, são atualizados diariamente. Em comemoração aos 80 anos, o sindicato também irá lançar a Rádio Web e a TV Web, que serão produzidas em estúdios próprios, a partir do primeiro semestre de 2013.

Para Rose Lima, Chefe de Reportagem da imprensa, o site é um importante suporte para o bancário que está no interior. Através da ferramenta ele acompanha tudo o que sai no jornal e se mantém atualizado. A jornalista afirma que as redes sociais também funcionam como um canal de diálogo entre a entidade e os funcionários do ramo financeiro. O Facebook também é utilizado como fórum de debates. Isso acontece bastante durante a campanha salarial. Os trabalhadores mandam recados sobre o pro-

cesso negocial, sobre o andamento da greve e isso é fundamental para uma comunicação eficiente.

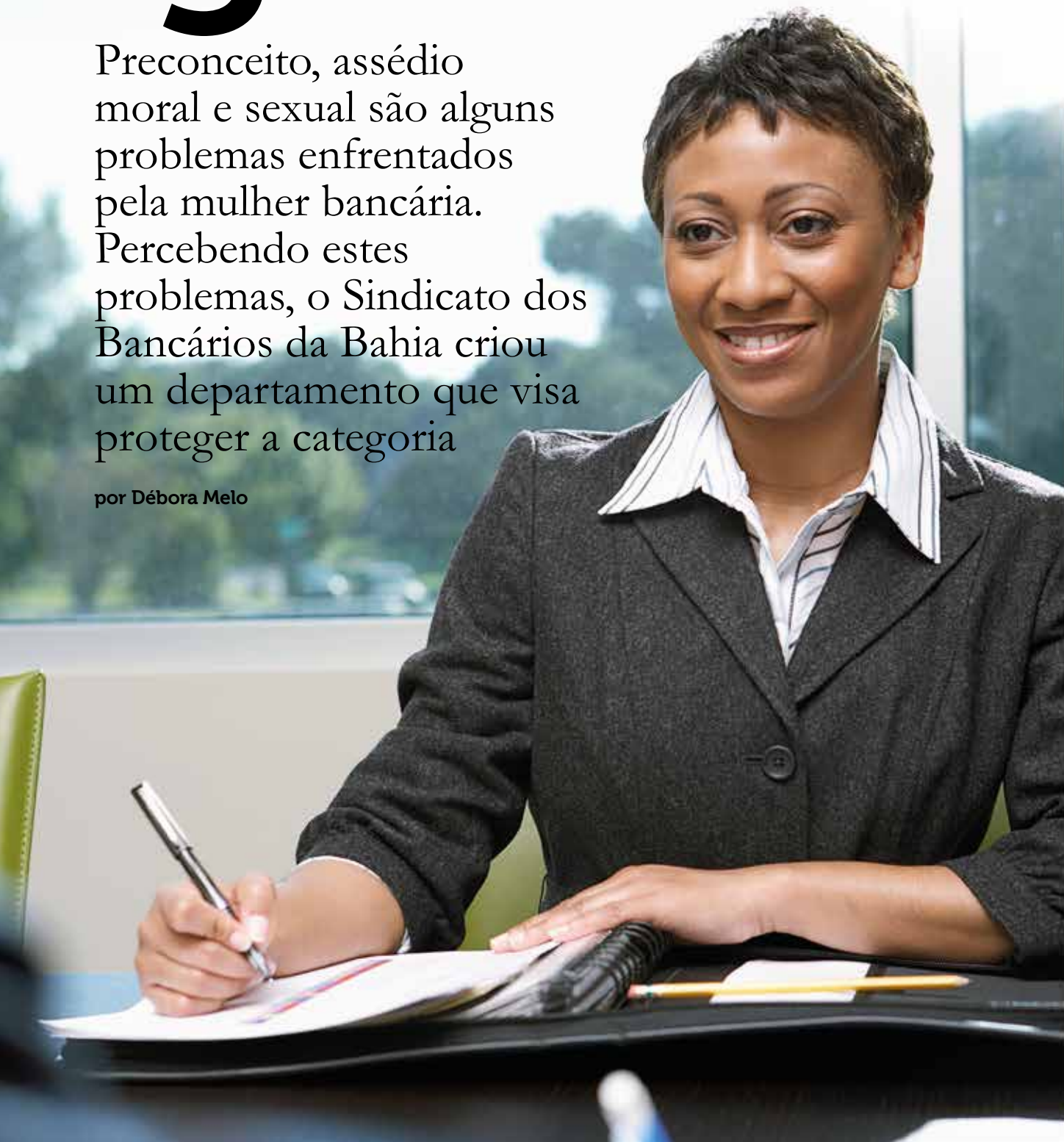
O prestígio e o reconhecimento do SBBA no âmbito da comunicação se devem ao fato da entidade perceber que esse é um fator decisivo para poder fazer valer as opiniões e ideologias da classe trabalhadora e da sociedade. “Temos participado de maneira intensa na luta pela democratização da mídia. Fizemos parte da Conferência de Comunicação e da criação do Conselho Estadual de Comunicação. Nos sentimos inseridos nesse contexto e buscamos ganhar cada vez mais espaço”, explica o Diretor de Imprensa. É uma luta que, definitivamente, está no DNA do Sindicato dos Bancários da Bahia.

mulher bancária

■ Na luta pela igualdade

Preconceito, assédio moral e sexual são alguns problemas enfrentados pela mulher bancária. Percebendo estes problemas, o Sindicato dos Bancários da Bahia criou um departamento que visa proteger a categoria

por Débora Melo



São inegáveis as transformações pelas quais a sociedade vem passando nas últimas décadas, devido às lutas feministas, nos âmbitos sexual, cultural e profissional. No setor bancário, a mulher tem mostrado sua força através de mobilizações profundas, que discutem o preconceito no mercado de trabalho e que promovem melhorias de uma categoria que desde 1959, busca a igualdade de gênero nas esferas pública e privada.

De acordo com pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), de janeiro a setembro de 2011 foram gerados 18.167 novos postos de trabalho nos bancos em todo o Brasil. As mulheres ocuparam 50,02% do total de vagas criadas nos primeiros nove meses do ano no setor bancário, totalizando 9.087 postos, enquanto 9.080, ou 49,98% do total, foram ocupados por homens. Apesar de representarem 50% do quadro funcional das agências, as mulheres ainda sofrem com o preconceito de gênero, assédio sexu-



Primeiro Encontro da Mulher Bancária - 1988

Foto divulgação

al, menores salários e a discriminação de cargos, já que os maiores postos ainda pertencem, e são direcionados aos homens.

Para o Sindicato dos Bancários da Bahia (SBBA), a questão da mulher tem sido tratada com mais objetividade desde 1990, quando foi criado o Departamento para Assuntos de Gênero, encarregado de pensar políticas que diminuam o quadro de desigualdades existentes nas agências.

Com ações diretas em bancos e em manifestações públicas, o setor, que hoje está sob o comando

de Alda Valéria Garcia da Silva, promove regularmente campanhas, debates e eventos ligados às necessidades femininas oferecendo um espaço à mulher bancária e a mulher trabalhadora, num ambiente em sua maioria, de homens”.

Remuneração

Embora apresentem melhor formação e maior assertividade no trabalho, as bancárias ainda lutam contra a discriminação salarial, não apenas na Bahia, mas em todo o Brasil. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2009, o ganho médio salarial entre as mulheres equivalia a 67,1% do rendimento dos homens, e até o ano passado, a proporção subiu para 70,4%. No que diz respeito à mulher bancária, essa diferença também vem caindo, mas os números ainda são insuficientes para o que a categoria deseja.

Pioneirismo

Cogita-se que Bem Vina Moitinho tenha sido a primeira mulher baiana a assumir um cargo em agência, como funcionária do antigo Banco Econômico. Na cena sindical, o pioneirismo cabe a Alice Botas, que atuou na fundação do sindicato e também no conselho fiscal.

o salário de uma bancária é

24,1%

menor do que a do bancário

Cargos de diretoria dentro dos bancos

HOMENS

95%

MULHERES

5%

As Mulheres são as principais vítimas de:

**Assédio Moral
Assédio Sexual
LETS
DORT**

As mulheres bancárias ganham em média 24,1% menos do que os homens, segundo levantamento feito com base em dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) do Ministério do Trabalho e Emprego. Nos bancos privados, a diferença é ainda mais gritante, onde o salário é 29,92% inferior à dos homens, frente a uma diferença salarial de 15,25% na média das instituições públicas. Segundo o Dieese, a remuneração das mulheres é de R\$ 2.311,14 contra R\$ 3.087,69 dos homens. Diferença de 33,6%.

“Já somos metade da nossa categoria no estado. Antes a mulher só entrava no banco através de concurso. Isso é uma vitória pra mulher, tem a ver com sua auto-

-estima, sua liberdade, sua independência. Dentro dos bancos ainda temos muito mais a desenvolver, por exemplo, a pirâmide bancária, onde ainda estamos na base. Já chegamos à direção, mas em número pequeno, mas houve um avanço”, avalia Patricia Ramos, Diretora Nacional da União Brasileira de Mulheres.

“A conquista da mulher é um reflexo da sociedade”

Euclides Fagundes
Presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia

Preconceito

Embora muitas vezes camuflado, o preconceito está presente no dia-a-dia da mulher bancária. Humilhações e constrangimentos feitos por superiores, colegas, ou mesmo clientes, acabam por influenciar diretamente no desem-

penho das atividades de trabalho. Há a sensação de inutilidade, fracasso, baixa auto-estima, e o quadro pode evoluir para insônia e depressão.

As mulheres negras são as que mais sofrem com o assédio moral e sexual, por exemplo, de acordo com informações de cartilha oferecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego, em 2010, e quando há demissões, são as primeiras a serem mandadas embora.

A Convenção nº 111, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), define discriminação como toda distinção, exclusão ou preferência, que tenha por efeito anular ou alterar a igualdade de oportunidades ou de tratamento em matéria de emprego ou profissão.

“O Departamento de Gênero levanta sempre o debate no sentido da defesa da mulher bancária. O sindicato existe para combater as desigualdades e creio



Foto Manoel Porto

Apesar de representarem 50% do quadro funcional das agências, as mulheres ainda sofrem com problemas como o assédio sexual, mas as manifestações a favor dessa classe são cada vez mais frequentes



Foto Manoel Porto

num futuro com mais conquistas. A conquista da mulher é um reflexo da sociedade”, afirma Euclides Fagundes.

Futuro

Mesmo com tantas vitórias, desde a década de 90 a profissão de bancária perdeu o vigor. Antes atraídas por estabilidade e status, as mulheres não vislumbram mais uma carreira nos bancos devido às grandes discriminações e crises financeiras que assolam o país.

Para a bancária H.J. , de 34 anos, o sonho acabou: “Lembro a alegria para mim e para minha família quando entrei no ban-

co. Hoje, só penso em sair, assim que me formar em Direito. Não dá mais pra aguentar as dificuldades de trabalho e os salários diferenciados”, desabafa. Nos últimos anos, as metas absurdas e a falta de mão-de-obra têm sobrecarregado as profissionais do sexo feminino.

Hoje, em todo o país, as mulheres ocupam 48,48% dos postos de trabalho (contra 66,52% do sexo masculino). Num total, 234.203 empregadas fazem parte do setor bancário e 71,67% têm nível superior completo.

Sindicalismo

Mesmo com as dificuldades, a mobilização sindical é a saída

Equidade Salarial

Em 2011, o Encontro Nacional da Mulher Trabalhadora foi marcado pela discussão do projeto de Lei da Equidade Salarial, PL 6653, que visa eliminar a discriminação salarial entre as mulheres.

Licença-Maternidade

A ampliação da licença maternidade pode ser vista como uma das grandes vitórias, também em favor da mulher bancária. Agora, em vez de quatro meses, são seis meses de licença, garantido pelo Decreto n 7.052, que regulamenta a lei n 11.770, criando o Programa Empresa Cidadã.

mais promissora para vencer a desigualdade e o preconceito em nossa sociedade. O sindicato dos bancários da Bahia quer consolidar os avanços já realizados, e assegurar novos direitos, combatendo um sistema socialmente e economicamente injusto.

A maior preocupação da categoria, atualmente, é a extensão da licença médica para aposentadas e o fim das metas, apontada como uma das principais causas de doenças na categoria. “A mulher bancária não enxerga mais a profissão como estável e promissora. Mas é preciso lutar e persistir. O movimento existe e precisa de participação”, afirma a diretora.

Justiça para quem precisa

Desde o começo da sua história, o Sindicato dos Bancários da Bahia oferece assistência jurídica gratuita, defendendo os interesses da categoria e buscando, na justiça, o que é de direito do trabalhador

por Débora Melo

O sistema financeiro tem implantado um clima de terror nas agências pelas constantes demissões. Os bancários chegam ao trabalho e não sabem se continuam no cargo até o fim do expediente, e muitas vezes não existe acordo com o patrão. Esse é um dos motivos pelo qual o trabalhador precisa de assistência, para que seus direitos sejam efetivamente respeitados. É nesse momento em que o departamento jurídico atua, oferecendo todo o suporte necessário.

Hoje são realizados cerca de 24 atendimentos



por dia, totalizando uma média de mais de 450 por mês. Mais de 2.000 (duas mil) ações, entre processos coletivos e individuais, são acompanhados por profissionais capacitados e especializados em atendimento às causas de interesse do bancário. “Na maioria dos sindicatos a assistência jurídica é terceirizada, mas aqui optamos por criar um quadro próprio de advogados, que vem dando êxito, desde 1986”, afirma Fábio Léo, diretor do departamento.

Nos últimos anos, o setor tem tido uma atuação firme na defesa dos trabalhadores. Em termos financeiros, o jurídico tem recuperado valores consideráveis para os sindicalizados em ações trabalhistas nos últimos anos. No ano de **2009 foram R\$ 12.699.890,35**; na sequência, em **2010, foram R\$ 32.006.010,97** e em **2011, um total de R\$ 33.321.468,76**. Em 2010, a vitória foi dos funcionários do Banco do Brasil (anuênio), que

Nos últimos anos, o setor tem tido uma atuação firme na defesa dos trabalhadores e até 2011, já tinha totalizado mais de R\$ 33 milhões em ações trabalhistas



Departamento Jurídico em atendimento

possibilitou a recuperação de **R\$16.977.083,35**.

Dados como esses só reforçam que, apesar das dificuldades da categoria, a união e a luta são instrumentos poderosos contra os grandes monopólios.

Assistência

A assistência judiciária ao bancário é gratuita e para ser atendido basta agendar um horário pelo telefone ou na sede do Sindicato. O bancário que opta por buscar ajuda no sindicato tem à sua dispo-

Hoje são realizados em média

450

atendimentos por mês



Com relação ao anuênio, mais de

16mi

já foram arrecadados

“Na maioria dos sindicatos o departamento é terceirizado, mas aqui optamos por criar um quadro próprio de advogados, que vem dando êxito, desde 1986”

Fábio Lédo, diretor do departamento



Dr. Pedro Nizan Gurgel (quinto da esquerda para direita), advogado do Sindicato, conseguiu a reintegração dos 31 funcionários demitidos pelo banco Santander

sição sete profissionais do Direito que atuam em regime de plantão, sendo quatro no ramo trabalhista e três no ramo previdenciário.

Se necessário, o Departamento possui contrato com um dos maiores escritórios de advocacia do país, que acompanha e dá suporte as ações julgadas em Brasília.

O jurídico talvez seja um dos departamentos mais reconhecidos e procurados pelos bancários, pela própria forma como ele foi concebido: quadro próprios de advogados e funcionários. Há um cuidado

especial com a qualidade dos profissionais que atuam no setor, tanto que alguns Desembargadores e Juízes, que integram o quadro atual de magistrados na Bahia, já passaram pelo departamento. Isso prova a força e a atuação, a respeitabilidade que agrega à nossa causa”, afirma Lédo.

Ações

Dentre as várias ações propostas pelo departamento, merecem destaque as de reintegração por possibilitarem o retorno do bancário ao seu

posto de trabalho após ser vítima de uma despedida injusta. Tais conquistas são fundamentais para fortalecer o compromisso do sindicato com o bancário. O setor trata de ações coletivas, como a do anuênio, ações de grande vulto, em que o autor da ação é o sindicato, em prol de um bem comum para todos.

A questão trabalhista e previdenciária são as mais diretamente ligadas ao exercício da atividade laboral; enquanto a primeira trata de questões do empregado com o seu empregador; a segunda é ligada à relação que o empregado tem com INSS, com a autarquia. Esse tipo de ação aumentou bastante nos últimos anos, forçando a criação de uma equipe especializada em atendimento a esses casos.

Na área previdenciária, por exemplo, existem demandas variadas, como pedidos de revisão de benefícios e, em maior escala, a discussão sobre as altas concedidas pelo INSS aos empregados que gozam de um benefício por causa de doença, e que se veem obrigados a voltar ao trabalho sem condições físicas.

Grande parte desses afastamentos são causados pela LER/DORT. “A sensação hoje é a de que o INSS busca caminhos para negar o benefício ao trabalhador”, diz a advogada Angela Mascarenhas, que atua no Sindicato desde 2005 em atendi-

mentos voltados para estas questões.

Vitória nacional

Uma das grandes conquistas da entidade foi a luta contra a Cobertura Programada e Estimada (COPES), conhecida como Alta Pré-Datada. Para ter direito ao benefício concedido pelo INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), o trabalhador passava por uma perícia, a qual concedia o benefício por dois ou três meses para se recuperar e designava a data da próxima avaliação pericial. Em 2005, o INSS mudou essa dinâmica, e passou a designar, na perícia, a data da cessação do benefício, em que já era determinada a volta do trabalhador ao seu posto de trabalho, estando ou não apto.

Com medo de perder o benefício e o emprego, o bancário se submetia a esses trâmites. O único recur-

so possível era o Pedido de Reconsideração (PR) o qual era proposto a partir da suspensão do benefício, uma nova perícia, mas o trabalhador tinha que voltar ao trabalho.

O Sindicato dos Bancários da Bahia foi o autor da primeira Ação Civil Pública (ACP), no país, contra a COPES, que levou o INSS a criar o Pedido de Prorrogação.

“Assim, conseguimos modificar um pouco o modo de proceder do INSS, fazendo com que ele recuas-se nessa sistemática, e criasse outro sistema, o Pedido de Prorrogação (PP). Agora, com a decisão proferida na ACP, o INSS é obrigado a pagar o benefício até a data da perícia gerada pela PP, independentemente do resultado desta. Ainda não é o ideal, mas é uma mudança de postura muito importante para o trabalhador”, afirma **Dra. Angela.**



Foto: Debora Melo

Caso Bradesco

A ação jurídica pode parecer uma medida extrema, mas o trabalhador só ingressa nesse campo quando se sente lesado pelos bancos em seus direitos. Em agosto de 2012 o SBBA foi vitorioso numa causa contra o Bradesco, que foi obrigado a reintegrar uma funcionária com 29 anos

de casa, demitida sem justa causa, por motivo de reestruturações internas. Ela passou por uma avaliação médica para saber se voltaria ao trabalho ou seria encaminhada para Previdência Social, pois a bancária já esteve afastada por conta de doença ocupacional.

Fator previdenciário

O fator previdenciário gera indignação entre a categoria, principalmente pela diminuição do benefício tão esperado pelos aposentados

por Yêda Nunes

Após muitos anos de trabalho, o mínimo que os aposentados esperam é o recebimento de um benefício digno. Mas, em muitos casos, a realidade é outra. Redução do benefício, retirada do plano de saúde e suspensão dos tickets refeição, são alguns questionamentos feitos pelos aposentados. Porém, o problema maior começou com a criação do fator previdenciário, em 1999, durante o governo FHC.

O fator previdenciário reduz o valor das aposentadorias para quem para de trabalhar mais cedo. Ele foi criado há 13 anos com o objetivo de evitar as aposentadorias precoces e diminuir o rombo nas contas da previdência. Trata-se de uma fórmula que leva em consideração a idade, o tempo de contribuição e a expectativa de vida do brasileiro para o cálculo do valor da aposentadoria. O instrumento visa reduzir o valor do benefício de quem

se aposenta por tempo de contribuição antes de atingir 65 anos, no caso de homens, ou 60, no caso das mulheres, gerando cada vez mais indignação na categoria.

“Durante os 33 anos de trabalho recolhi o benefício baseado no teto de contribuição, e hoje a minha aposentadoria não chega há 3 salários e meio. Nós, aposentados, estamos sendo massacrados na época em que mais precisamos, isso mostra como as políticas do governo tem sido contrárias às pretensões dos trabalhadores. A existência do fator está gerando muitas reclamações na justiça, mesmo sabendo que o INSS só paga referente aos últimos cinco anos”, afirma o presidente da AFABANE (Associação dos Funcionários Aposentados do Banco do BANE), Vicente Linhares.

O tempo mínimo de contribuição para a aposentadoria é de 35 anos para homens, e 30 para mulheres. Atualmente, o teto é R\$ 3,9 mil, uma

Entenda a fórmula do fator previdenciário

$$f = \frac{Tc \times a}{Es} \times \left[1 + \frac{(Id + Tc \times a)}{100} \right]$$

f = fator previdenciário

Tc = tempo de contribuição do trabalhador

a = alíquota de contribuição (0,31)

Es = expectativa de sobrevivência do trabalhador na data da aposentadoria

Id = idade do trabalhador na data da aposentadoria

vergonha para o país, mas pouquíssimos conseguem alcançá-lo. Para obter a aposentadoria com 100% do valor do benefício, o novo modelo defendido pelas centrais institui um novo sistema, chamado de 85/95, que permite que os trabalhadores se aposentem com o teto, caso a soma do tempo de contribuição e a idade atinja 85 para as mulheres e 95 para homens.

“O momento da aposentadoria deveria ser a hora do trabalhador que atuou

e contribuiu durante anos, ter o direito de usufruir momentos de lazer, recebendo o benefício que é realmente de direito, sem impasses e dúvidas. Mas, como a realidade não funciona desse jeito, o departamento tem o dever de defender os interesses dos trabalhadores em questões voltadas para previdência privada, pública e complementar”, afirma Nole Fraga, diretora do Departamento de Aposentados do Sindicato dos Bancários da Bahia.

Votação – Fim do fator

Em março de 2013 será realizada através da Câmara de Deputados a votação do fim do fator previdenciário. Foi adiada a votação no ano passado em reunião do Presidente da Câmara, deputado Marco Maia (PT-RS), com os líderes partidários, devido à dificuldade de se construir um acordo com o governo, que evite o veto à proposta.

Apesar de contar com o apoio da maioria dos deputados, o fim do fator previdenciário esbarrou na possibilidade de veto presidencial por causa de uma enxurrada de ações judiciais de aposentados e pensionistas, que tiveram seus benefícios reduzidos pelo dispositivo criado durante a gestão do ex-presidente FHC. Se o mecanismo



efetivamente for derrubado, o trabalhador que atingir o tempo mínimo de contribuição terá direito a aposentadoria integral.

Segundo a **Dra. Bartira Rodrigues**, advogada do Sindicato dos Bancários da Bahia, o fim do fator beneficiaria todos aqueles que já têm tempo de contribuição, inclusive os segurados que atingirem a idade mínima para a concessão da aposentadoria proporcional. Para ela, muitas pessoas começam as atividades cedo, por isso, a aposentadoria deve ser por tempo de serviço. “Hoje, ainda, tem muitos aposentados em atividade como forma de compensar essa diminuição do benefício com o fator”, revela.

Exemplificando o fator

Uma mulher de 45 anos de idade, que completou 35 anos de contribuição, ao se aposentar pela regra atual teria uma redução de quase 50% no valor da sua aposentadoria. Para conseguir 100% do valor, ela teria que trabalhar pelo menos mais 15 anos.

35 anos de contribuição
=
50% no valor da aposentadoria



Qualidade de vida para o bancário

Com o trabalho desgastante e excessivo que o bancário enfrenta, o lazer é fundamental para evitar doenças e proporcionar uma vida mais saudável

por Débora Melo

Esporte

Preocupada com os problemas que o assédio organizacional traz ao bancário, a diretoria do Sindicato entendeu a importância da atividade física na vida da categoria e criou, em 1990, o Departamento de Esportes, que desde então funciona como um veículo de integração dos trabalhadores, conscientização e transformação social. “A rotina enfrentada pelo bancário exige que ele busque o lazer mental e físico, e é o que o nosso departamento oferece”, afirma Dorival Santana, atual Diretor de Esportes do SBBA.



Foto: Manoel Porto

HORA DO LAZER

Localizado no bairro dos Afritos, o Ginásio de Esportes dos Bancários, mantido com recursos próprios, tem sido, desde a década de 90, ponto de encontro da categoria, que busca, além de alternativas de aliviar o estresse e uma vida mais saudável, também um momento de confraternizar com os colegas.

Com a ajuda do ex-diretor e hoje deputado Álvaro Gomes, os bancários ganharam um espaço ex-

clusivo, em 1994, um ginásio que abriga diversas atividades esportistas, sociais e culturais, um local onde os bancários podem realizar suas grandes assembleias, e também é aberto à comunidade.

MODALIDADES

A frente do Departamento de Esporte por três mandatos, Dorival Santana é enfático ao dizer que sempre buscou desenvolver atividades com a participação da categoria, mas também com ou-

tras instituições, como a Federação Baiana de Futsal, associações de bairro e associações próximas aos bancários. Campeões de Futsal em 1999, no ano seguinte representaram a Bahia no Rio de Janeiro, conquistando um honrado quarto lugar, jogando contra equipes de destaque nacional. O Departamento promove diversas modalidades de esporte: Taekwondo, Tênis de Mesa, Karatê, Escolinha de Futsal, Capoeira,



Foto: Manoel Porto



Foto: Manoel Porto

Vôlei e Basquete. As atividades são abertas também a não-sindicalizados.

Devido à extinção de alguns bancos e a sucessivas demissões da categoria, a participação de bancários nas atividades da classe ficaram restritas. Mesmo com as dificuldades ainda é possível promover eventos de porte, como os campeonatos de Futsal ou Soçaité, com oito equipes, e um número limite de 20 atletas para cada equipe.

Das ações desenvolvidas pelo departamento encontram-se algumas de destaque local e nacional: Copa Intercategorias de Futsal

masculino e feminino e a Corrida Rústica, prova tradicional (homenagem ao Dia do Bancário), que conta todos os anos com a participação de mais de 500 bancários e atletas amadores e profissionais.

INICIATIVAS

Em 2012, o Departamento de Esporte obteve uma grande vitória, a realização do 1º Passeio Ciclístico dos Bancários – da Barra até Itapuã – com participação de mais de 400 atletas. Outra conquista foi a inclusão do sindicato na 1ª Copa Intercategorias de Futebol Society, promovida pela Central dos Trabalhadores do Brasil, realizada no campo da Universidade Federal da Bahia. “O nosso objetivo é manter as atividades já existentes, e incluir ainda mais novidades, a exemplo da corrida ciclística, e trazer a mulher bancária para as nossas modalidades, principalmente para o futebol”, declara Santana.



Foto: João Ubaldo

Cultura

O Sindicato dos Bancários não levanta apenas a bandeira de entidade reivindicatória e assistencial. Desde a criação do Departamento de Cultura, em 1981, busca ser um agregador e organizador da categoria em diversos aspectos, seja através da música, do teatro ou das artes em geral, sem discriminações ou intolerâncias. “Nossa preocupação é sempre criar e inovar em atividades para chamar o bancário ao envolvimento com as artes, e com a militância, de uma forma lúdica e prazerosa”, diz Cléber Silva dos Santos, atual responsável pelo departamento, já em seu segundo mandato.

TEATRO

As artes sempre estiveram agregadas às ações políticas e sociais. Na Bahia, o sindicato mostrou ser uma “passarela” repleta de diversidade. Desde a inauguração do Espaço Cultural Raul Seixas, em 28 de agosto de 1991, em homenagem ao artista baiano Raul Seixas, o Raulzito, o local foi palco de apresentações teatrais, shows, discursos políticos, festas e outros movimentos que sempre integravam o bancário à sociedade.

Uma das primeiras manifestações foi o teatro, que logo em 1981 ganhou representatividade com o grupo Kumpiset e com sua primeira peça, encenada ainda naquele ano. Na sequência vieram uma grande diversificação de artes, como outras peças, atividades nas áreas da música, dança, poesia e literatura com diferentes linguagens. Em agosto deste ano, o



Foto: João Ubaldo

Espaço Raul Seixas comemorou 20 anos de existência e a categoria assistiu um show exclusivo da banda Camisa de Vênus.

MÚSICA

Em 2012 teve início das Eliminatórias do Festival de Música, que está em sua décima edição com uma premiação específica para os bancários e outra aberta à sociedade. Outro movimento é o Festival de Música Regional dos Bancários, ainda em formatação, lançado ano passado.

CARNAVAL

Com a participação positiva da categoria e da comunidade baiana, a criação de um bloco de carnaval foi questão de tempo. O

Bloco Pré-Datado foi criado em 1997, mas desfilou na Avenida pela primeira vez em 1988, com uma proposta de resistência e muita atitude em prol dos interesses dos trabalhadores. Primeiro um bloco de percussão, logo consagrou-se como um bloco de trio com carro de apoio e um dos alternativos mais queridos do carnaval baiano.

Pelo bloco passaram nomes como Olodum, Tonho Matéria, Pierre Onassis, Luis Caldas, Leo Gandelman, Margareth Menezes entre outros. Em 1992, com o tema



Foto: divulgação

“Fora Collor”, chamou atenção das mídias, e em 93, o Pré-Datado chega ao seu auge, saindo às ruas com 3.000 foliões. O bloco acabou em 2000, mas conseguiu passar para a população suas ideias em relação aos temas da época.

LITERATURA

Além da música e do teatro, outro destaque no trabalho do Departamento de Cultura foi o “Prêmio Elisa Lucinda”, concurso literário realizado há dois anos, uma vitória do sindicato em muitos aspectos. “A receptividade dos bancários foi excelente, 35 poesias foram selecionadas e lançadas em um livro intitulado “Poesia dos Bancários – Antologia III”, relembra o Assessor Cultural Frank Magalhães.



O FORRÓ DOS BANCÁRIOS

Em 2011, o tradicional Forró dos Bancários, realizado desde 1995, ganhou cinco dias de festa no Espaço Raul Seixas, com atrações especiais como o Bando Virado no Mói de Coentro, que contou como uma espécie de preparação para o grande forró da categoria, que

acontece há 20 anos, e que foi realizado na Associação Atlética da Bahia, comandado pelas bandas Estakazero e a nova formação do Trio Nordestino. “Investimos pesado nas atrações, e no conforto, para proporcionar ao bancário e à sua família, o melhor”, afirma a diretoria do departamento.

ESPAÇO ABERTO

O Departamento também tem deixado o espaço aberto ao público em geral e profissionais que desejam expor seus talentos para o mercado. O Raul Seixas abraça a artistas de qualquer modalidade. É possível alugar o espaço por temporada, mediante o pagamento de uma taxa de serviço. Em 2012 aconteceram shows de MPB e samba, por exemplo, feitos por pauta paga, e que foram muito bem recebidos pelo público.



O QUE VEM POR AÍ!

O Espaço Raul Seixas segue como palco de peças teatrais, recitais, lançamentos de livros e revistas, eventos da área de saúde, reuniões e encontros. Segundo Cléber Santos, devem continuar projetos como o Setembro Cultural, o Festival de Música e o Forró dos Bancários. Nos últimos dois anos o Raul tem passado por mudanças. Ganhou nova pintura e um revestimento acústico. Para o próximo ano, o investimento será em torno da sonorização e de outras necessidades para tornar o espaço cada vez mais confortável e atrativo para o bancário.

PARCERIA

O Departamento de Cultura tem trabalhado em conjunto com o Departamento de Convênios para traçar mudanças significativas no que diz respeito às Oficinas de arte e dança, buscando uma maior ampliação de ofertas junto à entidades baianas específicas. “Agora queremos, através de parcerias com instituições nas áreas de cultura e lazer, oferecer aos bancários opções mais perto de suas residências, a valores acessíveis e com qualidade garantida”, afirma Cleber Santos.

Segundo Almir N. Leal, Diretor de Comunidades/Convênios, todos os bancários sindicalizados e seus dependentes, mesmo os aposentados e terceirizados do Sindicato, têm direito utilizar os benefícios, que são de 15% a 50% (educação e atendimento psicológico). “Hoje, a nossa meta é conseguir fechar parcerias com as faculdades Unime, Unirb e Unifacs para graduação, pós-graduação e EAD, e criar alternativas para agregar ainda mais os 15.000 bancários do nosso estado” revela Leal.

Integrando a luta

Com mais de 220 cidades participando da sua base, o Sindicato dos Bancários da Bahia vem mostrando que a interiorização fortalece a luta da classe por todo estado

por Rodrigo Marques

O ano era 1958. No dia 19 de abril, foi fundada a Federação dos Empregados em Estabelecimentos Bancários do Norte e Nordeste, a qual tinha como um dos seus integrantes o Sindicato dos Bancários da Bahia, que na ocasião estava comemorando 25 anos da sua fundação. Nesse período histórico, o movimento sindical tinha a orientação de fundar federações e associações de trabalhadores em diversas cidades, a fim de que as lutas ganhassem mais força em caráter regional e nacional.

As decisões de todos os congressos de bancários apontavam no sentido de organizar a categoria na Bahia e no Brasil. Com a fundação da Confederação dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito (Contec) e a Federação



Encontro dos bancários de Guanambi



Encontro dos bancários do Recôncavo



Fotos divulgação

Empregados em Estabelecimentos Bancários do Norte e Nordeste, os bancários na Bahia pretendiam criar uma federação estadual ou regional. Este foi o ponto de partida para o processo de interiorização do Sindicato, que hoje tem na sua base um total de 226 cidades.

O Sindicato dos Bancários da Bahia, com sede em Salvador, tem hoje seis delegacias sindicais (Guanambi, Chapada, Paulo Afonso, Euclides da Cunha, Alagoinhas e Recôncavo), que procuram dar suporte à ação sindical em cada região. Além das diretorias regionais, que está prevista no

estatuto da entidade, deve haver uma diretoria responsável pelo trabalho no interior do estado.

Hoje, a participação nas lutas sindicais dos bancários do interior, especialmente no período de greves, é muito mais intenso. O Sindicato está mais presente.

Visitas e encontros

Segurança em foco

O sindicato faz visitas periódicas ao interior, dependendo da distância e das demandas que venham a surgir. Para cada região, dois diretores fazem essas visitas, passando uma semana viajando entre as cidades. Segundo Jovelino Sales, diretor que coordena o trabalho no interior, esse constante contato com as cidades permite entender melhor quais são as principais questões que os bancários enfrentam no cotidiano. A questão da segurança está sendo muito discutida, devido à onda de assaltos que está havendo nas cidades interioranas. O Sindicato procura trazer essa discussão para dentro da agência e oferecemos uma assistência imediata aos bancos que sofreram assaltos, exigindo que os mesmos possam dar suporte, como a presença de um psicólogo, entre outros profissionais.

Prevenção

Além da segurança, que é a questão mais grave atualmente, outro ponto que faz parte do trabalho de interiorização do Sindicato diz respeito à prevenção relacionada às doenças ocupacionais. A entidade faz um trabalho de orientação dentro das agências para que os bancários do interior também evitem adquirir as L.E.R. (Lesões por Esforço Repetitivo), ou D.O.R.T. (Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho).

Amplios debates

Além das visitas realizadas continuamente pelo Sindicato dos Bancários da Bahia nas cidades que formam a sua base no interior, também há encontros anuais em cada uma das regionais. Durante os encontros são discutidos campanha salarial, segurança, saúde, além do trabalho de base, o qual tem o objetivo de entender as dificuldades encontradas pelos bancários em cada uma dessas regiões. Hoje, a participação nas lutas sindicais dos bancários do interior, especialmente em período de greve, é muito mais intensa.

A luta pela **isonomia**

Seja por mobilizações e eventos, ou mesmo através de um projeto de lei, o Sindicato dos Bancários da Bahia tem sido pioneiro na luta pela igualdade de direitos e salários entre antigos e novos funcionários dos bancos públicos

por Rodrigo Marques

Para entender melhor sobre o assunto, é preciso fazer uma viagem no tempo e voltar à década de 90, no período em que Fernando Henrique Cardoso esteve no poder. Com o objetivo de viabilizar o processo de desestatização dos bancos públicos, o governo federal editou duas resoluções no Ministério do Planejamento, nos anos de 1995 e 1996, que de uma só vez retiraram uma série de direitos para os empregados da Caixa, Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Casa da Moeda e Banco da Amazônia. O uso do termo “Isonomia”, pelo movimento sindical, se refere centralmente à diferenciação de tratamento que foi criada entre os bancários mais antigos e os que ingressaram na era FHC.

A luta que envolve a Isonomia por todo o Brasil não é somente pela questão salarial, mas também diz respeito à valorização dos bancos públicos, que tiveram direitos conquistados pelos bancários retirados, dentro da tentativa de privatização dessas instituições. Augusto Vasconcelos, Vice-Presidente do Sindicato dos Bancários da Bahia, acredita que a Isonomia significa uma corre-

ção dessa distorção que há nos bancos públicos, e que é preciso garantir que os mais novos tenham os mesmos direitos dos mais antigos. “A nossa insistência é para garantir que esses direitos que foram retirados possam ser retomados, numa perspectiva de valorizar os empregados, para que eles continuem nessa missão tão importante que os bancos públicos possuem”, afirma.

“A nossa insistência é para garantir que esses direitos que foram retirados possam ser retomados, numa perspectiva de valorizar os empregados para que eles continuem nessa missão tão importante que os bancos públicos possuem”

Augusto Vasconcelos – Vice-Presidente do SBBA

Por dentro da questão

Essa retirada de direitos variou entre os bancos, mas era direcionada para quem ingressasse nos bancos a partir das resoluções de 1995 e 1996. Como os bancos públicos só fizeram concurso no ano de 1998, essa geração já ingressou com uma quantidade menor de direitos assegurados.

A retirada de direitos tinha o objetivo de enxugar a folha salarial, a fim de viabilizar o processo de privatização. A partir de 2003, com o advento do governo Lula, foi reestabelecido o canal de negociação com os bancos públicos e o sindicato tem lutado para recuperar o que foi perdido. Dos 10 direitos perdidos em 95 e 96, já foi recuperado 75% deles. Ele complementa: “Antigamente, o plano de cargos e salários dos empregados novos equivalia no topo da carreira, à metade que um colega antigo ganharia de salário no mesmo contexto. Além dessa diferenciação salarial, também havia uma distorção no custeio do plano de saúde e da previdência social.

Há dois direitos que hoje estão no centro da luta política pela Isonomia. O primeiro deles é o Anuênio, que é o adicional por tempo de serviço e representa um acréscimo vegetativo na folha de 1% a cada ano trabalhado. Outro ponto é a Licença Prêmio, que equivale a uma ausência de 18 dias ao trabalho, podendo ser utilizada ou vendida, valor que equivale a mais da metade do salário. Segundo Augusto Vasconcelos, mais de 60% dos empregados dos bancos públicos são da geração Pós-98. Isso se dá por

conta de uma política acertada de contratações, dentro da qual o movimento sindical tem um papel decisivo. Um exemplo disso é o compromisso que a Caixa tem de chegar a 99 mil funcionários até dezembro de 2013. Em 2011, esse número era de 87 mil. “Os bancos públicos vêm cumprindo suas missões como instituições, mas por outro lado, os funcionários estão sobrecarregados e ao mesmo tempo

**“Dos 10 direitos que
perdermos em 95 e 96,
já recuperamos**

75% deles”

não estão sendo valorizados adequadamente. A luta pela Isonomia representa um fortalecimento das instituições, que passa pela valorização dos seus empregados, derrotando o entulho neoliberal que ainda existe nesses bancos, que trouxe o esvaziamento de direitos e o congelamento salarial, assegurando que os empregados possam ter os direitos igualados, tendo em vista que eles exercem a mesma atribuição”, pontua.

A força do SBBA

O Sindicato dos Bancários da Bahia realizou o primeiro Encontro Estadual de técnicos bancários do país. Posteriormente promoveu



Luta pela igualdade dos direitos

três Encontros Estaduais pela Isonomia, contando com a participação de Sergipe, além do primeiro Encontro da Juventude Bancária, e inúmeras realizações, até mesmo em nível nacional, que sempre colocaram a Isonomia no centro das campanhas salariais.

A luta da Isonomia é feita em duas frentes. A primeira se dá na tentativa de negociar com os bancos. A outra frente é através do projeto de lei 6259/2005, que tramita na Câmara dos Deputados. É um projeto de autoria do deputado Daniel Almeida (PCdo B – BA) e do então deputado e hoje senador Inácio Arruda (PCdoB-CE).

O SBBA está acompanhando a tramitação desse projeto, que já foi aprovado na Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público (CTASP), no ano de 2010, e hoje se encontra na Comissão de Finanças e Tributação (CFT), na qual há resistência para sua aprovação. Por causa disso, em 2011, alguns representantes e fizemos uma vigília na Câmara. Na ocasião foi possível dialogar e expor a importância desse projeto para o então presidente da CFT, Claudio Puty (PT-PA), e para o relator, André Vargas (PT-PR).

Sindicato dos Bancários da Bahia

Gestão 2011 - 2014

Presidente: Euclides Fagundes Neves

Vice-presidente: Augusto Vasconcelos

Secretário Geral: Olivan Faustino

2ª Secretária: Graça Gomes

Dir. Financeira: Elias Lopes dos Santos

2ª Dir. Financeira: Paulo Cezar Cotrim

Sec. Interior: Jovelino Sales

Dir. Adm. de Pessoal: Antônio Luiz Araújo

Dir. Patrimônio: Martha Rodrigues

Dir. Ass. Jurídicos: Fábio Ledo

Dir. Comunicação: Adelmo Andrade

Dir. Ass. Saúde Trabalhador: José Barberino*

Dir. Questões de Gênero: Alda Valéria

Dir. Sócio-Econômicos: Élder Perez

Dir. Formação Sindical: Agnaldo Matos

Dir. Cultura: Cléber Silva dos Santos

Dir. Assuntos com a Comunidade: Almir Leal

Dir. Questões Étnico-Raciais: Eliomar Carvalho

Dir. Pol. Sindical: Agnaldo Santana

Dir. Esportes: Dorival Santana

Dir. Colônia de Férias: Luiz Carlos Pereira

Dir. junto à Federação: Luís Cláudio Magarão

Dir. Rep. Aposentados(as): Nole Fraga

Dir. Rep. Financeiros(as): Moacir Carneiro

Dir. Exec.: Humberto Almeida

Dir. Exec.: Ronaldo Rios

Dir. Exec.: Érica Pinheiro Mendonça

Dir. Exec.: Danúcia M. Souza Silva

Dir. Exec.: Patrícia Ramos

Dir. Exec.: Roberto Souza Freitas

Dir. Exec.: Áurea Cristina Rodrigues de Souza

Dir. Exec.: Adilson Araújo

Dir. Exec.: Álvaro Gomes

Dir. Exec.: Geraldo Galindo

Dir. Exec.: Anderson Santana de Luna

Dir. Exec.: Antônio Diórgenes Varjão

Dir. Exec.: Emanuel Souza

Dir. Exec.: Antônio da Silva do Carmo

Dir. Exec.: João Batista Novais Faria

Dir. Exec.: Florival José Bonfim unior

Dir. Exec.: Eduardo José de Oliveira Sá

Dir. Exec.: Rosângela Miranda de Souza

Dir. Exec.: José André Cerqueira da Anunciação

Dir. Exec.: Antônio Messias Rios Bastos

Dir. Exec.: Denise Sousa da Silva Lima

Dir. Exec.: Fernando Sousa Baião

Dir. Exec.: Robson Bonfim Olveira

Dir. Exec.: Gutemberg de Jesus B. Brito

Dir. Reg. Norte: Henrique Baltazar

Dir. Reg. Norte: Eric Leon Schmukler

Dir. Reg. Nordeste: Reinaldo Gomes Martins

Dir. Reg. Nordeste: Ailton de Jesus Araújo

Dir. Reg. Sudoeste: Ronaldo Ornelas

Dir. Reg. Sudoeste: Josias Lopes de Oliveira

Dir. Reg. Chapada: Aroldo Celso Trindade Moreira

Dir. Reg. Chapada: Júlio Carlos S. dos Santos

Dir. Reg. Recôncavo: José Jorge Conceição Rocha

Dir. Reg. Recôncavo: Graça Possenti

Dir. Cons. Fiscal Efetivo: Antônio de Pádua Galindo

Dir. Cons. Fiscal Efetivo: Sílvio Daltro dos Santos

Dir. Cons. Fiscal Efetivo: Roswilson Sampaio

Dir. Cons. Fiscal Efetivo: Jerônimo da Silva Júnior

Dir. Cons. Fiscal Efetivo: José Januário Damasceno

Dir. Cons. Fiscal Sup.: Clitenestra Correia Campos

Dir. Cons. Fiscal Sup.: José Cerqueira Costa

Dir. Cons. Fiscal Sup.: Aníbal Regis Dias

Dir. Cons. Fiscal Sup.: Cely C. Machado Carmo

Dir. Cons. Fiscal Sup.: Cristóvão Santana Pires

* In Memoriam

CHEQUE

Sindicato dos Bancários da Bahia

Endereço: Avenida Sete de Setembro, 1.001, Mercês, Centro, Salvador-Bahia

CEP: 40.060-000

Contato: (71) 3329-2333 - Fax: 3329-2309

Email: imprensa@bancariosbahia.org.br

Site: www.bancariosbahia.org.br

Presidente: Euclides Fagundes Neves

Diretor de Imprensa e Comunicação: Adelmo Andrade

Colaboração: Departamento de Imprensa

meGa
PUBLICAÇÕES CUSTOMIZADAS

Mega Publicações Customizadas

Contato: (71) 9370-3699

Email: yd.nunes@hotmail.com

REDAÇÃO

Editora Chefe:

Yêda Nunes – MTE 4344 DRT-BA

Arte e Projeto Gráfico

Leandro Maia

Repórteres

Debora Melo

Rodrigo Marques

Revisão

Debora Melo

Fotos

Zecops, Manuel Porto e João Ubaldo

Impressão: Muttigraf Gráfica e Editora

Tiragem: 20 Mil exemplares

A Editora não se responsabiliza por conceitos e/ou opiniões emitidos em artigos assinados e/ou matérias, entrevistas e depoimentos. Proibida a reprodução total ou parcial de textos e/ou fotos sem autorização da Editora e/ou do Sindicato dos Bancários da Bahia.



MuttiGraf

Gráfica e Editora

(71)3329-0150/4976-muttigraf@hotmail.com



Um nome de IMPRESSÃO da Bahia

Seu direito, nossa conquista.

Guia de Convênios 2012 - 2013

